



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CAMPUS AVANÇADO DE SOBRAL
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

FRANCISCA VITÓRIA PORTELA PONTE

UMA BREVE ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO EXTERIOR
NORDESTINO, NO PERÍODO DE 2000 A 2016.

SOBRAL
2018

FRANCISCA VITÓRIA PORTELA PONTE

UMA BREVE ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO EXTERIOR
NORDESTINO, NO PERÍODO DE 2000 A 2016.

Monografia apresentada ao curso de Ciências Econômicas do campus avançado de Sobral da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cleycianne de Souza Almeida

SOBRAL

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P857b Ponte, Francisca Vitória Portela.

Uma breve análise da evolução do comércio exterior nordestino, no período de 2000 a 2016. / Francisca Vitória Portela Ponte. – 2018.

50 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, Curso de Ciências Econômicas, Sobral, 2018.

Orientação: Prof. Dr. Cleycianne de Souza Almeida .

1. Exportações nordestinas . 2. Importações nordestinas. I. Título.

CDD 330

FRANCISCA VITÓRIA PORTELA PONTE

UMA BREVE ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO EXTERIOR
NORDESTINO, NO PERÍODO DE 2000 A 2016.

Monografia apresentada ao curso de Ciências Econômicas do campus avançado de Sobral da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Monografia aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Cleycianne de Souza Almeida (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

José Weligton Félix Gomes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Cristyelle Teles Costa
Universidade Columbia del Paraguay (Membro externo)

Ao meu pai, Antônio, e minha mãe,
Antônia, por todo amor e zelo de sempre.

AGRADECIMENTOS

A realização desta monografia, apesar de ter sido individual, contou com a participação de várias pessoas especiais. Estarei sendo injusta, por não citar o nome de todos aqueles que me ajudaram a percorrer esse caminho e concluir esta etapa tão importante da minha vida, no entanto, existem algumas pessoas que não posso deixar de expressar nominalmente meus agradecimentos.

Primeiramente, agradeço a Deus, por ser meu porto seguro e me abençoar, dando-me forças para enfrentar os desafios impostos pela vida. Agradeço aos meus pais, Antônio e Antônia, e aos meus avós, Amadeu e Raimunda, por todo amor, carinho e conselhos a mim oferecidos desde sempre.

Agradeço aos meus irmãos, Patrícia, Betânea e Francisco, por sempre me apoiarem. Agradeço também aos meus amados sobrinhos, Hermano, Hermerson e Esaú, que sempre me fazem acreditar em um mundo melhor.

Agradeço também aos meus primos, Delrangê, Derlane e José Victor, por terem feito minha infância mais feliz e atualmente serem pessoas tão importantes em minha vida.

Agradeço aos colegas que fiz ao longo desse percurso, em especial às amigas que levarei por toda vida, Emanuely, por me auxiliar e lutar ao meu lado durante todo o curso, e Isamara, por me compreender e tornar esse período mais leve.

Agradeço a dedicação e o apoio da minha orientadora, professora Cleycianne, que sempre demonstrou paciência e atenção para me ajudar a concluir este trabalho.

Agradeço ainda, a todos os professores do curso de ciências econômicas, por terem sido responsáveis diretos pelo meu aprendizado, durante o período que estudei nessa instituição.

Por fim, agradeço a todos que direta ou indiretamente torceram e contribuíram para que eu conseguisse concluir minha graduação em ciências econômicas.

“Muitos propósitos há no coração do homem, mas o conselho do Senhor permanecerá” (Provérbios, 15:16)

RESUMO

O objetivo geral do presente estudo consistiu em analisar a evolução do comércio exterior nordestino, no período de 2000 a 2016. A metodologia utilizada na elaboração deste trabalho foi uma pesquisa de carácter quantitativa, exploratória, descritiva e bibliográfica, tendo como base de dados as informações disponibilizadas pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), no site da Secretária de Comércio Exterior (SECEX). Também foram coletados dados disponíveis no Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior (Sistema ALICE Web) e no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Verificou-se que, na região Nordeste, os produtos do tipo manufaturados foram os mais exportados e importados durante o período analisado. A participação do Nordeste nas exportações brasileiras diminuiu gradativamente, enquanto que nas importações aumentou. Entre os estados nordestinos, a Bahia apresentou-se como maior exportador e importador, com grandes participações nos valores totais da região. Observou-se que as exportações com destino aos blocos União Europeia (UE), Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), ALADI (Exclusive MERCOSUL) e Ásia (Exclusive Oriente Médio) sofreram variações ao longo do período estudado, sendo elas em sua maioria, destinadas a União Europeia (EU). As importações aumentaram durante o período, principalmente as oriundas do bloco econômico da Ásia (exclusive Oriente Médio). Constatou-se que o Nordeste, de modo geral, expandiu suas relações comerciais e importou mais do que exportou.

Palavras-chave: exportações, importações, Nordeste.

ABSTRACT

The general objective of the present study was to analyze the evolution of Northeastern foreign trade, from 2000 to 2016. The methodology used in the preparation of this work was a quantitative, exploratory, descriptive and bibliographic research, based on information made available by the Ministry of Development, Industry and Foreign Trade (MDIC), on the website of the Secretary of Foreign Trade (SECEX). Data were also collected from the Foreign Trade Information Analysis System (ALICE Web System) and the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE). It was verified that, in the Northeast region, manufactured products were the most exported and imported during the analyzed period. The Northeast's share of Brazilian exports declined gradually, while imports increased. Among the Northeastern states, Bahia presented itself as the largest exporter and importer, with large participation in the total values of the region. It was noted that exports to the European Union (EU), Southern Common Market (MERCOSUR), ALADI (Exclusive MERCOSUR) and Asia (Middle East Exclusive) blocks suffered variations during the period studied, the European Union (EU). Imports increased during the period, especially those coming from the Asian bloc (excluding the Middle East). It was found that the Northeast, in general, expanded its trade relations and imported more than it exported.

Keywords: exports, imports, Northeast.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Exportações brasileiras por Regiões, entre 2000 e 2016 (Valores em US\$ 1000 FOB).....	28
Tabela 2 - Crescimento e Participações das regiões nas Exportações Brasileiras, entre 2000 e 2016.	29
Tabela 3 - Importações brasileiras por regiões, entre 2000 e 2016. (Valores US\$ 1000)	31
Tabela 4 - Crescimento e Participações das regiões nas Importações Brasileiras, entre 2000 e 2016.	31
Tabela 5 - Exportação, Importação e Saldo da Região Nordeste, de 2000 a 2016 (Valores US\$1000).....	33
Tabela 6 - Valores totais e participação dos estados nas exportações do Nordeste, para os anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016. (US\$ FOB 1000)	35
Tabela 7- Valores totais e Participação dos estados nas importações do Nordeste, para os anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016. (US\$ FOB 1000)	36
Tabela 8 - Valores totais e taxa de crescimento das exportações nordestinas por fator agregado, nos anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016. (US\$ 1000 FOB)	38
Tabela 9 - Importações do Nordeste por fator agregado em valores totais e variáveis nos anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016. (US\$ 1000 FOB)	39
Tabela 10 - Exportações Nordestinas por categorias em valores totais e variações, entre 2000, 2004, 2008 e 2016 (US\$ 1000 FOB).....	40
Tabela 11 - Importações nordestinas por categoria em valores totais e variações, entre os anos 2000, 2004, 2008 e 2016(US\$ 1000 FOB)	41
Tabela 12 - Produtos exportados e suas participações nas exportações nordestinas nos anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016.	42
Tabela 13 - Produtos importados e suas participações nas exportações nordestinas nos anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016.	43
Tabela 14 - Valores totais e variações das exportações nordestinas por bloco econômico para os anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016.(US\$ 1000 FOB)	43
Tabela 15 - Valores totais e variações das importações nordestinas por bloco econômico para os anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016. (US\$ 1000 FOB)	44

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Variação das exportações por regiões brasileiras, no período de 2000 a 2016. 29	
Gráfico 2 - Participação das regiões nas exportações brasileira, no período de 2000 a 2016.	30
Gráfico 3 - Crescimento das importações por regiões brasileiras, no período de 2000 a 2016.	32
Gráfico 4 - Participação das regiões nas importações brasileira, no período de 2000 a 2016.	32
Gráfico 5- Exportação, Importação e Saldo da Região Nordeste, de 2000 a 2016. ...	34
Gráfico 6 - Participações dos estados nas exportações do Nordeste, em 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016.	35
Gráfico 7 - Participações dos estados nas importações do Nordeste, em 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016.	36
Gráfico 8 - Exportações nordestinas por fator agregado nos anos 2000, 2004, 2008,2012 e 2016.(US\$ 1000FOB).....	38
Gráfico 9 - Importações nordestinas por fator agregado nos anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016(US\$ 1000 FOB).....	39
Gráfico 10 - Importações Nordestinas por categoria em 2000, 2004, 2008 e 2016(US\$ 1000 FOB).....	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1 As vantagens do comércio exterior	15
2.2 – A relevância da integração regional.....	16
2.3 Blocos econômicos	17
2.4 Teorias clássicas do comercio internacional	20
2.5 Breve histórico e os desafios do comércio exterior do Brasil e do Nordeste	22
2.6 Perspectivas do comercio exterior nordestino	25
3. METODOLOGIA	26
3.1 Classificação da pesquisa	26
3.2 Coleta de Dados	26
3.3 Análise de Dados	27
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	28
4.1 – O comércio das grandes regiões brasileiras.....	28
4.1.1- Exportação por regiões brasileiras.....	28
4.1.2 – Importações por regiões brasileiras	30
4.2 – Análise do comércio exterior nordestino.....	33
4.2.1 - Balança comercial da Região Nordeste.....	33
4.2.2 – Exportações e Importações dos estados nordestinos.....	34
4.3- Pauta de Exportação e Importação do Nordeste	37
4.3.1 – Exportação e Importação por fator agregado	37
4.3.2 – Exportação e Importação por categoria	40
4.3.3 – Exportação e Importação por produto	42
4.4 – Origem das importações e destino das exportações do Nordeste por Bloco Econômico.....	43
5 CONCLUSÃO	45

1 INTRODUÇÃO

As relações de comércio sempre ocorreram através de acordos e negociações entre os países, porém, durante algum tempo as economias doutrinadas pelos ideais mercantilistas eram distantes e apresentavam restrições comerciais.

Segundo Galvão (2007), a grande expansão do comércio internacional criou economias dependentes de importação de insumos, máquinas e equipamentos, bens finais de consumo e tecnologia, assim, as exportações se tornaram a principal maneira de financiar tais gastos e o desenvolvimento de um país passou a estar ligado ao seu desempenho no setor externo.

A aceitação ao livre comércio foi aos poucos favorecendo o surgimento de acordos comerciais, isso possibilitou aos países diversas vantagens, entre elas, o aumento da competitividade no mercado interno, o crescimento da produção e a aquisição de novas tecnologias.

Ao longo das últimas décadas, vários países alcançaram um novo patamar econômico e social. Entre os fatores que contribuíram para isso pode-se destacar a expansão do comércio exterior.

De acordo com dados do MDIC (2018), a partir dos anos 2000, o Brasil se consolidou e avançou economicamente, muito pela contribuição do processo de abertura comercial que o mesmo sofreu em anos anteriores. De acordo com o ministro do MDIC, Marcos Jorge, o comércio exterior desponta com um dos principais motores a impulsionar o crescimento da economia brasileira.

A atual pauta de exportação brasileira possui produtos diversificados e de maior valor agregado, não mais apenas de bens primários. O país tem como principais parceiros comerciais os Estados Unidos da América, a União europeia, o MERCOSUL e a China, sendo que este último se tornou o mais importante comprador de produtos brasileiros.

Moura e Barbosa (2014), afirmaram que as regiões brasileiras não aderiram uniformemente a essas mudanças. O Nordeste, por exemplo, passou décadas fechado ao comércio exterior e atrasou seu crescimento econômico. No início dos anos 2000, tal fato modificou-se e a região passou a apresentar um novo comportamento no setor externo.

Ainda de acordo com os dados do MDIC, no decorrer dos últimos anos, o Nordeste acompanhou o desenvolvimento da economia brasileira, variando bastante sua participação nos valores importados e exportados pelo país. Isso fez a região diversificar seus produtos, passando a exportar bens industrializados, especialmente os do tipo manufaturados. Além disso, intensificou suas relações comerciais com o bloco econômico da Ásia.

Diante disso, o objetivo geral deste estudo concentrou-se em analisar a evolução do comércio exterior nordestino no período de 2000 a 2016. Com o intuito de melhor desenvolver a pesquisa, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos:

- Mostrar a conjuntura econômica da região Nordeste ao longo do tempo, destacando os fatores que colaboram para o atual momento;
- Enfatizar a contribuição do Nordeste para o comércio exterior brasileiro e sua participação no comércio internacional;
- Analisar o comércio exterior nordestino utilizando-se de sua pauta de importação e exportação e dos principais blocos econômicos parceiros.

A importância de estudar o comércio exterior nordestino se deu pela necessidade de conhecer alguns pontos fundamentais como: os principais blocos econômicos parceiros, os principais produtos comercializados e a significância da região no comércio exterior brasileiro.

Dessa forma, este estudo foi importante pois permitiu aumentar o entendimento sobre os pontos destacados, através da pesquisa e interpretação dos dados coletados para o mercado externo nordestino e brasileiro, no período de 2000 a 2016. Com isso, o estudo poderá auxiliar na efetivação de políticas públicas que busquem promover o desenvolvimento econômico e social da região.

O estudo se classificou como uma pesquisa quantitativa, exploratória, descritiva e bibliográfica. Os dados foram coletados no site do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio exterior (MDIC) e do Sistema de Análise do Comércio Exterior (ALICE Web).

Vale destacar que o período analisado foi de 2000 a 2016, usou-se períodos salteados, de quatro em quatro anos, para analisar variações econômicas. Empregaram-se variáveis como: importações e exportações em valores totais, taxa de crescimento e participação de cada região, sendo elas definidas por fator

agregado, por categoria e por produto. Destacou-se ainda, os principais blocos parceiros, os estados mais exportadores e importadores da região, entre outros.

Com relação à estrutura do trabalho, este foi dividido em cinco partes. Sendo a primeira delas a introdução, contendo os objetivos e justificando a pesquisa. A segunda, conhecida como referencial teórico, foi responsável por fundamentar e ajudar a analisar os resultados. Teve ainda a metodologia, onde se classificou a pesquisa e se expôs os meios utilizados para coletar os dados. Já a quarta parte foi composta pela análise de resultados, que interpretou os dados obtidos. Por fim, observou-se na última parte as principais constatações feitas sobre o estudo desenvolvido.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 As vantagens do comércio exterior

Santana e Munduruca (2012) definiram que a dinâmica do comércio exterior não se resume apenas a compra e venda de mercadorias entre residentes e não residentes, podendo ela ser responsável por promover o desenvolvimento nacional ou regional de uma dada economia. Uma região que esteja dependente da influência do exterior poderá fortalecer suas relações comerciais com este, especialmente as exportações, e assim promover o crescimento econômico, desde que tal atividade seja voltada a expansão da região exportadora.

Segundo Leão (2015), o comércio internacional surgiu em decorrência da necessidade de suprir carências causadas pela desigualdade produtiva ou de recursos existente entre os países. Assim, os países se inserem no comércio exterior e satisfazem suas necessidades, essencialmente, por meio das importações ou exportações dos produtos, commodities ou serviços.

Krugman (2001) definiu que o comércio internacional permite que os países exportem produtos que utilizem intensivamente seus recursos abundantes, e que importem aqueles que fazem uso de seu recurso escasso. Além disso, os países também podem se especializar na produção de alguns produtos e produzi-lo em larga escala.

De acordo com Bonelli e Brito (1997), a partir da década de 1990 o mercado brasileiro passou a desenvolver sua relação com o exterior. A abertura comercial implantada pelo presidente Collor, pautada em uma nova política industrial e de comércio exterior, objetivava o aumento da produção interna por meio da promoção das exportações, que evitaria a influência periódica da demanda doméstica.

O Manual Exportação Passo a Passo (2011)¹ mostra as vantagens adquiridas pelas empresas que aderem à atividade exportadora, dentre as principais estão as seguintes:

- A diversificação de mercados – Com a entrada no mercado internacional, as empresas passam a vender parte de seus produtos para o mercado local e outra parte para o exterior. Isso faz com que elas obtenham um maior número de

¹ Disponibilizado pelo Departamento de Promoção Comercial e Investimentos, do Ministério das Relações Exteriores. Disponível em: <http://www.investexportbrasil.gov.br/exportacao-passo-passo>.

clientes e reduzam seus riscos, pois quanto maior o número de mercados que uma empresa esteja menor será sua dependência do mercado interno;

- Aumento da produtividade – A exportação leva as empresas a melhorarem suas produções, em termos de quantidade e qualidade. Isso ocorre pelo fato de haver uma redução da capacidade ociosa, provocada pela revisão dos processos produtivos. Assim, com custos menores, os produtos dessas empresas tornam-se mais competitivos no mercado externo e seu lucro aumenta;
- Melhora da qualidade do produto – As exigências impostas pelo mercado levam as empresas a aperfeiçoarem seus produtos. O mercado internacional possui alta tecnologia e as empresas que nele se inserem precisam se adequar. Com o passar do tempo, a adoção de processos produtivos mais sofisticados é internalizada, garantindo a melhor qualidade possível dos produtos;
- Diminuição da carga tributária – As empresas que optam por exportar seus produtos podem ser beneficiadas por incentivos fiscais, que visam reduzir a carga tributária sobre algumas empresas. Com isso, elas podem produzir em quantidades maiores e ofertar seus produtos a um preço mais competitivo no mercado externo.

Dessa forma, entende-se que com a abertura comercial nacional e regional aqueles que optam por transacionar com o exterior passam a se desenvolver em ritmo acelerado e adquirem melhorias e benefícios. As exportações apresentam algumas vantagens como menor dependência do mercado interno, aumento dos incentivos fiscais e maior qualificação da sua produção.

2.2 – A relevância da integração regional

Lacerda (2005) definiu a integração como um processo estimulado por interesses econômicos, que leva países e nações a buscarem mecanismos que permitam ou assegurem ações conjuntas de resultados benéficos.

Conforme Baumann (2004), a ocorrência efetiva da integração regional deveria ter acontecido no mesmo período que o estabelecimento do livre comércio era estimulado nos países, pois tal prática promove o aumento do bem-estar social em cada país.

Segundo Carvalho e Silva (2007), a integração entre as nações independentes era uma prática antiga, mas foi intensificada após a Segunda Guerra

Mundial, muito por conta do excesso de protecionismo que existia antes desse período, que provocou perdas para todos.

De acordo com o Ministério das Relações Exteriores (2017), aumentar a integração regional foi uma das prioridades do governo brasileiro. Isso ocorreu através de incentivos a projetos de integração regional, com base na Constituição Federal de 1988, que determina em seu artigo 4º a não intervenção, cooperação internacional e a solução pacífica para conflitos como princípios a serem seguidos.

Simões e Moroni (2002) explicaram a integração econômica como uma aproximação entre as economias de um país, onde as barreiras tarifárias e não tarifárias são diminuídas ou eliminadas.

Dessa maneira, constatou-se a real necessidade da integração entre regiões, juntamente com a formação de blocos econômicos, pois os países passam a interagir e transacionar, reduzindo suas barreiras, melhorando suas produções, alcançando novas tecnologias, barateando mão-de-obra e incorporando lucros cada vez maiores.

2.3 Blocos econômicos

Para Simões e Morini (2002), o processo de globalização da economia e da sociedade assegurado pelo crescente avanço do capitalismo e pela dominância das corporações transnacionais teve como marco o fim da Guerra Fria, que impulsionou a disputa entre as empresas e os países. A grande concorrência entre as empresas as levaram a buscar meios de tornar a economia mais segura, com isso, os blocos econômicos começaram a ser formados.

Segundo Carvalho e Silva (2007), a frustração causada pelos acordos firmados pelo GATT², juntamente com o entendimento de que um pouco de liberdade comercial era melhor do que nenhuma começou a favorecer a ideia da formação de blocos regionais. Existia o argumento de que, pelo menos os participantes, poderiam alocar melhor seus recursos e aumentar o seu bem-estar.

No Brasil, segundo Fonsêca (2004), as negociações internacionais ocorridas nos anos 80 e 90 fizeram o país buscar participar dos acordos como forma de ampliar suas relações de comércio. O objetivo principal era incluir o país no processo de globalização existente. Além disso, a integração regional, através de

² Sigla correspondente a "General Agreement on Tariffs and Trade" (significado em português: Acordo Geral de Tarifas e Comércio), foi uma série de acordos de comércio internacional que buscava integrar as nações.

negociações com o MERCOSUL³ e a ALCA⁴ também promoveu a ampliação de mercado e incentivou as exportações.

Carvalho e Silva (2007) afirmaram que os blocos se formam de acordo com seu grau de dependência econômica, apresentando diferentes níveis de integração, que podem ser classificados da seguinte maneira:

- Zona de livre comércio – todas as restrições tarifárias e não tarifárias são eliminadas entre os países do grupo;
- União aduaneira – os países extinguem as barreiras para os países que pertencem ao mesmo bloco que o seu, porém mantêm o bloqueio comercial para os demais;
- Mercado comum – a circulação sem restrições para os membros existirá tanto para as mercadorias, quanto para os fatores de produção. Isso implica na livre circulação de pessoas e capitais;
- União econômica – os acordos não ficam restritos a movimentação de bens, serviços e fatores produtivos, eles visam uma convergência das políticas econômicas para que os membros possuam condições operacionais semelhantes;
- Integração econômica total – todos os membros pertencentes ao bloco devem praticar a mesma política econômica e adotar a mesma moeda para que haja uma harmonização total das ações e condições dos pertencentes.

Os principais blocos econômicos apresentar-se-ão a seguir, juntamente com seus países membros e seus objetivos, tendo como referência seus respectivos sites oficiais.

Estabelecida em 1989, a Cooperação econômica Ásia- Pacífico (APEC)⁵ possui vinte e um membros, que são eles: Canadá, Austrália, Brunei Darussalam, Chile, Hong Kong (China), República Popular da China, Indonésia, Japão, República da Coreia, Malásia, México, Nova Zelândia, Papua Nova Guiné, Peru, Filipinas, Rússia, Cingapura, Taipei Chinês, Tailândia, Estados Unidos e Vietnã. Eles têm por objetivo crescer de forma sustentável e integrar mais a região.

³Mercado Comum do Sul é uma organização intergovernamental fundada a partir do Tratado de Assunção de 1991.

⁴Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) é um projeto de bloco econômico que reúne países da América, tanto do sul, central e do norte

⁵Disponível em: <<https://www.apec.org/>>. Acesso em: 8 maio 2018.

A Associação das nações do Sudeste Asiático (ASEAN)⁶ foi criada em 1967, possui dez membros: Camboja, Indonésia, PDR do Lao, Malásia, Myanmar, Filipinas, Cingapura, Tailândia e Vietnã, Brunei Darussalam. Objetiva expandir e estabelecer o seu comércio exterior do sudeste asiático, promovendo progresso para seus membros.

Regulamentada em 1980, a Associação Latino-Americana de Integração (ALADI)⁷ conta com treze países membros: Paraguai, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, México, Panamá, Bolívia, Argentina, Peru, Uruguai e Venezuela. Tem por objetivo estabelecer um mercado comum na América Latina.

Em 1973 originou-se o Mercado Comum e Comunidade do Caribe (CARICOM)⁸, com objetivo de melhorar a integração econômica, coordenar as políticas externas e desenvolver a região do Caribe.

O bloco possui cinco associados e quinze membros, que são eles: Antígua e Barbuda, Bahamas, Barbados, Belize, Dominica, Grenada, Guiana, Haiti, Jamaica, Montserrat, Santa Lúcia, St Kitts e Nevis, São Vicente e Granadinas, Suriname e Trindade e Tobago, os membros. Anguila, Bermudas, Ilhas Virgens Britânicas, Ilhas Cayman e Ilhas Turcas e Caicos são os associados.

O Mercado Comum do Sul (MERCOSUL)⁹ foi fundado em 1991 e possui seis membros e seis associados: Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai, Venezuela e Bolívia, sendo os membros. Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Peru e Suriname são associados. Tem por objetivo integrar as economias de forma competitiva, com criação de mercado livre, políticas externas comuns e maior integração por meio das políticas macroeconômicas e setoriais.

Criada em 1969, a Comunidade Andina (CAN)¹⁰ buscou desenvolver as sub-regiões e aumentar a integração entre seus membros, além de tentar reduzir suas diferenças com o resto do mundo. Bolívia, Colômbia, Equador e Peru são seus membros, sendo Chile, Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai seus países associados, e contando ainda com um observador, Espanha.

⁶ Disponível em: <<http://asean.org/>>. Acesso em: 8 maio 2018.

⁷ Disponível em: <<http://www.aladi.org/sitioAladi/indexP.html>>. Acesso em: 8 maio 2018.

⁸ Disponível em: <<http://caricom.org/>>. Acesso em: 9 maio 2018.

⁹ Disponível em: <<http://www.mercosur.int/>>. Acesso em: 9 maio 2018.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.comunidadandina.org/Index.aspx>>. Acesso em: 9 maio 2018.

A Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC)¹¹ foi fundada em 1992 e conta com quinze membros: Angola, Botswana, República Democrática do Congo, Lesoto, Madagascar, Malawi, Maurícia, Moçambique, Namíbia, Seychelles, África do Sul, Suazilândia, República Unida da Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue. Concentrou seus objetivos em promover melhor qualidade de vida para os seus membros, através da busca pela paz, segurança e outros valores.

A partir de 1994, o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA)¹² foi criado com o objetivo de estabelecer base para um forte crescimento econômico e crescente prosperidade para o Canadá, Estados Unidos e México.

Após a Segunda Guerra Mundial, a União Europeia (EU)¹³ abrangeu quase todo o continente europeu, possuindo os seguintes membros: Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, Croácia, Dinamarca, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Países Baixos (Holanda), Polônia, Portugal, Reino Unido, República Tcheca, Romênia e Suécia.

O objetivo da União Europeia era fazer os países cooperarem entre si, para a partir disso evitar conflitos bélicos na Europa.

Portanto, os blocos econômicos podem ser criados conforme a necessidade de integração existente entre seus membros e, geralmente, eles buscam eliminar as barreiras existentes, acelerar o desenvolvimento dos mercados e facilitar a integração econômica de seus adeptos.

2.4 Teorias clássicas do comércio internacional

O entendimento dos motivos que levam as nações a comercializarem tornou-se objeto de estudo de vários pensadores. A explicação de que os países comerciam por que alcançam vantagens não era uma certeza absoluta no surgimento das principais teorias econômicas que buscavam relacionar crescimento e comércio.

Segundo Carvalho e Silva (2007), a afirmação de que a vantagem adquirida é o motivo da existência de comércio entre as nações passou a ser compreendida apenas depois de algum tempo. Com isso, a Teoria Clássica do

¹¹ Disponível em: <<http://www.sadc.int/>>. Acesso em: 10 maio 2018.

¹² Disponível em: <<http://www.naftanow.org/>>. Acesso em: 10 maio 2018.

¹³ Disponível em: <https://europa.eu/european-union/index_pt>. Acesso em: 10 maio 2018.

Comércio Internacional foi responsável por iniciar a construção teórica voltada para esse argumento.

O estudo das teorias clássicas foi utilizado para compreender detalhadamente os fatos ocorridos no mercado econômico brasileiro e nordestino. Logo, na sequência são apresentadas as principais teorias clássicas do comércio Internacional.

Para Carvalho e Silva (2007), a doutrina Mercantilista prevaleceu entre o século XV e parte do século XVIII. Tinham ideias que favoreciam o Estado Nacional e a alta burguesia, em detrimento ao feudalismo. Estavam concentrados no poder, que facilitava e resultava no acúmulo de riquezas.

Segundo eles, os mercantilistas acreditavam que uma nação era dita mais ou menos rica pelo seu estoque de metais preciosos, assim, as exportações eram uma maneira de incrementar o volume de ouro e prata. Entretanto, o governo deveria estimular as exportações e dificultar as importações, isso acabaria com o comércio e levaria ao fechamento de todas as economias, se praticado por todos os países.

Os autores explicaram que Adam Smith, em seu livro *A Riqueza das Nações* (1776), apresentou várias críticas aos mercantilistas. Smith argumentava em favor do livre comércio entre os países, pois para ele a riqueza poderia ser medida mais precisamente em termos de consumo e produção da população de um país.

Além disso, Smith mostrou que o livre comércio aumentaria a produção através da especialização e, aumentaria o consumo pelas trocas no comércio internacional. Para isso, bastava que os países apresentassem alguma vantagem absoluta na produção de uma mercadoria. Tal teoria não explicou o que ocorreria com os países incapazes de produzir alguma mercadoria com custos menores que os seus possíveis parceiros comerciais.

Carvalho e Silva (2007) afirmaram que, em 1817, David Ricardo resolveu o problema deixado em aberto por Adam Smith. Ricardo mostrou que os custos relativos ou comparativos são mais importantes que os absolutos, pois serão determinados pela produtividade do trabalho. Assim, os países tendem a exportar os bens que produzam com mais eficiência, e importam aqueles que não sejam produzidos eficientemente.

Dessa forma, tornou-se possível compreender que o Brasil e suas regiões concentram-se na produção dos bens que possuem vantagens comparativas frente aos seus parceiros comerciais.

2.5 Breve histórico e os desafios do comércio exterior do Brasil e do Nordeste

Conforme Leão (2015), a globalização provocou mudanças econômicas, financeiras e industriais no mundo, sendo ela uma facilitadora da integração entre as nações e responsável por desenvolver o comércio internacional.

Segundo Petry (2008), o processo de globalização se iniciou ao final da segunda guerra mundial nos Estados Unidos, sobretudo, com fim da guerra fria, o encerramento do regime soviético e o desmembramento dos blocos socialistas. Tais ocorrências foram influenciadas por diferentes tipos de interesses, sendo estes conduzidos pelo capitalismo. Desde então, a sociedade viveu mudanças sociais, econômicas e ideológicas.

De acordo com Fonseca (2013), após a segunda guerra mundial, o Brasil sofreu com crises financeiras, econômicas e cambiais que destoavam do que ocorria com o mercado externo brasileiro. Isso levou o Estado a intervir constantemente na economia, como forma de tentar amenizar as crises.

Conforme Vianna e Villela (2011), entre os anos 1945 e 1955, a participação do governo foi, essencialmente, no sentido de adotar políticas de controle do câmbio e de importações e de criar certas regulagens em diversas áreas econômicas. Durante esse período houve forte expansão do Produto Interno Bruto (PIB) e aumentos inflacionários.

Suzigan (1986) afirmou que a ótica do capitalismo tardio¹⁴ analisou o crescimento industrial brasileiro, até meados da década de 1960, como uma consequência dos choques adversos da época, visto que o país acumulou capital com a exportação de produtos primários, enquanto que, no resto do mundo estava ocorrendo crises relativas à agroexportação.

Segundo Fonseca (2013), a teoria dos choques adversos observou que os estrangulamentos externos afetavam a balança comercial brasileira, fazendo o país deixar de pagar sua dívida externa. Assim, houve a implementação do Processo de Substituição de Importação (PSI)¹⁵, que buscou internalizar o desenvolvimento econômico. Porém, o choque do Petróleo, em 1973, prejudicou o comércio exterior do país e fez o PSI dar sinais de esgotamento.

¹⁴ A ótica do capitalismo tardio sugere que o desenvolvimento latino-americano, especialmente o brasileiro, é um desenvolvimento capitalista, determinado por fatores internos, inicialmente, e posteriormente por fatores externos.

¹⁵ O Processo de Substituição de Importações pode ser entendido, de modo geral, como o processo de produzir internamente produtos que antes eram importados.

O II Plano Nacional de Desenvolvimento surgiu em 1975 e fez o Processo de Substituição de Importações chegar ao seu fim.

Para Suzigan (1986), o II PND foi um processo de investimento que visava estimular as importações de bens primários, de petróleo e de alguns bens intermediários.

Segundo Gonçalves (2014), em 1979, o segundo choque do petróleo provocou a falência fiscal do estado brasileiro e decretou o fim do II PND. A crise externa que se apresentou em 1982 fez a década de 1980 ser marcada pelo baixo desenvolvimento econômico e fechamento comercial, ficando conhecida como “a década perdida”.

Conforme Hidalgo e Feistel (2013), a partir do começo de 1990, os responsáveis por formular a política econômica brasileira começaram a adotar medidas de livre comércio, com a intenção de recuperar a economia brasileira. Todo o processo de abertura econômica tinha como objetivo inserir o Brasil na globalização, com isso, deveria ocorrer a substituição de atividades pouco competitivas para outras de maior produtividade.

Para Giambiagi e outros autores (2011), o Brasil buscava meios de combater a inflação elevada. Apenas com o Plano Real, em 1994, o país conseguiu estabilizar os preços, mas os anos seguintes foram marcados pelo desequilíbrio externo e a crise fiscal, que afetaram fortemente as exportações nacionais.

Segundo Fonseca (2004), a década de 1990 ficou marcada pela consolidação de uma nova política comercial, caracterizada pela eliminação da maioria dos incentivos fiscais às exportações, ampliação dos tributos sobre os lucros dos exportadores e redução da tributação sobre as importações. Do início do Plano Real até o ano 2000, as importações aumentaram e geraram problemas na balança comercial.

O estímulo ao aumento das importações teve a intenção de qualificar a produção nacional para, conseqüentemente, expandir as exportações. Porém, foi somente a partir de 2002, com o aumento dos preços internacionais e da demanda, que as exportações começaram a crescer e a evoluir o comércio exterior brasileiro, alternando bons resultados até os dias atuais.

Diante das informações apresentadas, observou-se que o Brasil passou por períodos de crescimento e de estagnação econômica. O país utilizou o processo

de abertura comercial e integração regional para modernizar sua economia e deixá-la mais competitiva.

Para Viana (2006), a Região Nordeste durante o processo de integração econômica, onde a atuação do Estado como provedor de crescimento se reduz, apresentou grandes perdas nas políticas que promoveriam desenvolvimento.

A região foi afetada pelas diferentes fases que aconteciam no país. Porém, mostrou-se mais fechada e cheia de complexidade. Mesmo com as tentativas do Governo Federal, a região seguiu passando por dificuldades econômicas, crises hídricas e distanciamento das demais regiões.

Segundo Silva (2017), a partir de 1950 o governo brasileiro buscou estimular a industrialização da região Nordeste. A descoberta de petróleo na Bahia e no Rio Grande do Norte, a construção de hidrelétricas e a construção de rodovias foram alguns dos fatores que tentaram desenvolver a região.

Ainda conforme Viana (2006), no documento elaborado pelo Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN), foi formulada uma política de crescimento e redução da desigualdade do Nordeste. O programa buscava reorganizar as indústrias tradicionais e modificar a estrutura do sistema industrial da região. Entre os fatores que contribuíram para o insucesso do GTDN, estão: a expansão da economia de subsistência e as características climáticas da região.

Para Silva (2017), a década de 1950 apresentou ainda, a transformação do Departamento de Obras contra as Secas (DNOCS), criação do Banco do Nordeste e da SUDENE, todos como maneira de combater a seca na região. A pouca dinâmica da estrutura produtiva levou a Região Nordeste a ter um desenvolvimento econômico e social restrito.

Segundo Viana (2006), foi durante a década de 90 que a estrutura produtiva dos estados nordestinos se modificou, através de incentivos fiscais que visavam atrair empresas para a região.

Dessa forma, a SUDENE, o DNOCS e o GTDN foram políticas utilizadas para iniciar a industrialização no Nordeste. Porém, a industrialização da região Nordeste só aconteceu realmente com a Guerra Fiscal, que levou todas as regiões a disputarem entre si a instalação de empresas em seus territórios. Como o Nordeste possuía abundância em mão de obra barata, ele levou certa vantagem nesse processo.

2.6 Perspectivas do comercio exterior nordestino

Segundo informações da SUDENE (2018), os dados do IBGE de 2007 apontam que a região Nordeste ocupa uma área de 1.561.177,8 km², que equivale a 18,3% do território brasileiro, sendo ela composta por 1.793 municípios e nove estados: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Alagoas e Bahia.

De acordo com o IBGE (2017), a região Nordeste possui uma população estimada de 57.254.159 habitantes. O estado da Bahia é o mais populoso com 15.344.447 habitantes, já Sergipe tem a menor concentração de habitantes da região (2.288.116 habitantes).

Conforme os dados divulgados pelo MDIC (2017), o Nordeste foi a quinta região exportadora em 2016, com participação de 6,92% no total nacional. Em relação às importações, a região participou de 12,75% do total e teve a terceira maior contribuição dentre as regiões brasileiras.

Ainda em 2016, a balança comercial nordestina apresentou déficit de aproximadamente US\$ 4,73 bilhões, fato comum nos últimos anos. O valor negativo apresentado é reflexo do momento econômico vivido pelo país, que reduziu suas compras de insumos industriais feitas no exterior.

Os dados do MDIC (2017) mostraram ainda que no ano 2016 houve uma retração de 12,57% das exportações da região em comparação a 2015, com total de US\$ 12.81 bilhões, o menor valor desde 2010. Quando se analisa as importações, percebe-se uma queda de 18,14% em relação ao seu valor em 2015, consequência da pior recessão econômica da história do Brasil.

As análises ao longo do período de estudo, apontaram que o Nordeste teve uma predominância de crescimento de suas exportações, porém em compasso abaixo da média nacional. Segundo informações do MDIC (2017), em 2016 o Nordeste diminuiu exportação apresentando uma participação de 6,92%, que indicou uma redução de 0,75 pontos percentual em relação ao ano anterior. Enquanto isso, a participação das importações da região aumentou de 12,50% em 2015 para 12,75% em 2016.

De maneira geral, se pode notar que a região Nordeste acompanhou os momentos de expansão e retração da economia brasileira e mundial. Isso sugere que a região está sujeita aos problemas externos, apesar de sua evolução recente.

3. METODOLOGIA

3.1 Classificação da pesquisa

O presente estudo classificou-se como uma pesquisa quantitativa, exploratória, descritiva e bibliográfica.

Segundo Fonseca (2002), a pesquisa quantitativa concentra-se na objetividade e considera que, apenas através da análise de dados brutos é possível compreender a realidade. Além disso, tal abordagem utiliza a matemática para explicar as causas de um fenômeno. Assim, este trabalho foi considerado quantitativo por apresentar dados numéricos sobre importações, exportações e outras variáveis relacionadas, que posteriormente foram analisadas.

De acordo com Prodanov e Freitas (2013), uma pesquisa é dita exploratória quando se encontra em uma fase preliminar e procura fornecer mais informações sobre o tema abordado, a fim de delimitar os fatos mais importantes para o estudo. Dessa maneira, a pesquisa foi assim classificada por explorar informações que visam solucionar os questionamentos existentes acerca do assunto.

Para Moresi (2003), a pesquisa descritiva apresenta características de uma população ou de um caso que será estudado. Ela pode fazer relações das variáveis com suas origens, mas não se caracteriza por explicar os fenômenos. Com isso, o presente estudo foi entendido como descritivo, pois apresentou dados estatísticos que possibilitaram analisar a evolução do comércio exterior nordestino no período de 2000 a 2016.

Gil (2008) afirma que pesquisa bibliográfica é aquela que foi desenvolvida a partir de estudos anteriores, sendo eles na forma de livros, artigos científicos, monografias e materiais disponíveis na internet. Logo, seguindo o conceito, este trabalho utilizou-se de pesquisas feitas através de livros, apostilas, monografias, artigos científicos, pesquisas na internet, entre outras fontes.

3.2 Coleta de Dados

Os dados utilizados para este trabalho foram estatísticas do comércio exterior, que são divulgadas pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), no site da Secretária de Comércio Exterior (SECEX). Também foram coletados dados disponíveis no Sistema de Análise das Informações

de Comércio Exterior (Sistema ALICE Web) e no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

As informações utilizadas foram os dados de exportações e importações para o Brasil e todas as suas grandes regiões, em valores totais e variações, além da participação de cada região no total de importações e exportações brasileiras. Já para o Nordeste, os dados coletados foram exportações, importações e saldo da balança comercial, sendo feita ainda, uma identificação dos estados nordestinos que mais importaram e exportaram, entre os anos 2000 e 2016.

Utilizou-se ainda dados sobre a pauta de importações e exportações da região Nordeste em períodos salteados, pois assim foi possível expor e analisar de forma mais clara as informações coletadas. Para isso, classificou-se as exportações e importações como sendo por fator agregado, por categoria e por produto, usando valores totais e taxa de crescimento. Além disso, analisou-se o destino das exportações e a origem das importações feitas pelo Nordeste, por bloco econômico.

3.3 Análise de Dados

Após coletados, os dados foram distribuídos, organizados e disponibilizados em tabelas, a fim de possibilitar uma melhor análise das informações adquiridas.

Na sequência, apresentar-se-á a análise dos resultados obtidos no presente estudo.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 – O comércio das grandes regiões brasileiras

4.1.1- Exportação por regiões brasileiras

A tabela 1 apresentou os valores das exportações do Brasil e de suas regiões, entre os anos 2000 e 2016.

Tabela 1 – Exportações brasileiras por Regiões, entre 2000 e 2016 (Valores em US\$ 1000 FOB).

ANO	Brasil	Nordeste	Sul	Norte	Sudeste	Centro Oeste
2000	55.118.920	4.026.157	12.889.764	3.322.422	31.154.171	1.833.120
2001	58.286.593	4.187.781	14.703.391	3.242.135	31.559.014	2.471.513
2002	60.438.653	4.655.567	15.247.230	3.447.882	32.764.617	2.856.697
2003	73.203.222	6.112.111	18.887.189	4.151.132	38.973.755	3.802.753
2004	96.677.499	8.043.285	24.169.818	5.276.915	52.262.871	5.189.159
2005	118.529.185	10.561.140	26.103.475	7.418.339	65.451.681	7.178.272
2006	137.807.470	11.629.125	27.800.528	8.918.197	80.011.752	7.497.084
2007	160.649.073	13.086.243	34.752.371	9.808.846	91.277.004	9.694.351
2008	197.942.443	15.451.508	41.963.540	13.059.898	110.960.881	14.165.442
2009	152.994.743	11.616.307	32.886.550	10.111.820	81.927.997	14.109.547
2010	201.915.285	15.863.313	37.139.465	15.110.941	115.490.172	15.620.175
2011	256.039.575	18.845.432	45.872.411	20.861.452	145.891.070	20.805.212
2012	242.578.014	18.773.212	44.015.966	17.692.850	133.520.085	25.621.663
2013	242.033.575	17.270.151	52.021.748	19.088.625	121.790.969	28.377.754
2014	225.100.885	15.914.071	44.015.044	17.597.021	116.087.589	27.352.915
2015	191.134.325	14.655.435	40.071.231	13.206.860	94.441.640	23.971.842
2016	185.235.401	12.813.680	39.342.749	12.887.982	91.843.100	22.754.526

Fonte: MDIC. Elaboração própria.

Em geral, pode-se afirmar que o Brasil expandiu suas exportações, pois apesar da visível retração em alguns anos, ele teve uma predominância de crescimento na maior parte do tempo.

As retrações apresentadas em 2009, 2012, 2013, 2014, 2015 e 2016, sendo a maior delas em 2009, podem ser explicadas pela crise internacional de 2008, iniciada nos Estados Unidos, que fez a demanda internacional declinar e causou a redução das exportações brasileiras.

Entre as regiões brasileiras, a Sudeste foi a que conseguiu os maiores valores exportados, entre todas as regiões. A região Sul apresentou-se como segunda nesse quesito, enquanto as demais regiões alternaram entre a terceira, a quarta e a quinta posição.

Nesse contexto, o Nordeste foi, até o ano de 2008, a terceira região em termos de valores adquiridos com exportações. A partir de 2008, a região perdeu espaço para as regiões Norte e Centro-Oeste, contudo, o ano de 2011 registrou o maior valor em exportações, durante o período analisado.

Na Tabela 2 observou-se a variação do crescimento e a participação de cada região nas exportações brasileiras, para o mesmo período da tabela anterior.

As taxas de crescimento das exportações apresentaram muitas variações e algumas regiões conseguiram se destacar. Entretanto, com a crise internacional de 2008, o ano 2009 foi bastante afetado e apresentou queda de crescimento em todas as regiões brasileiras.

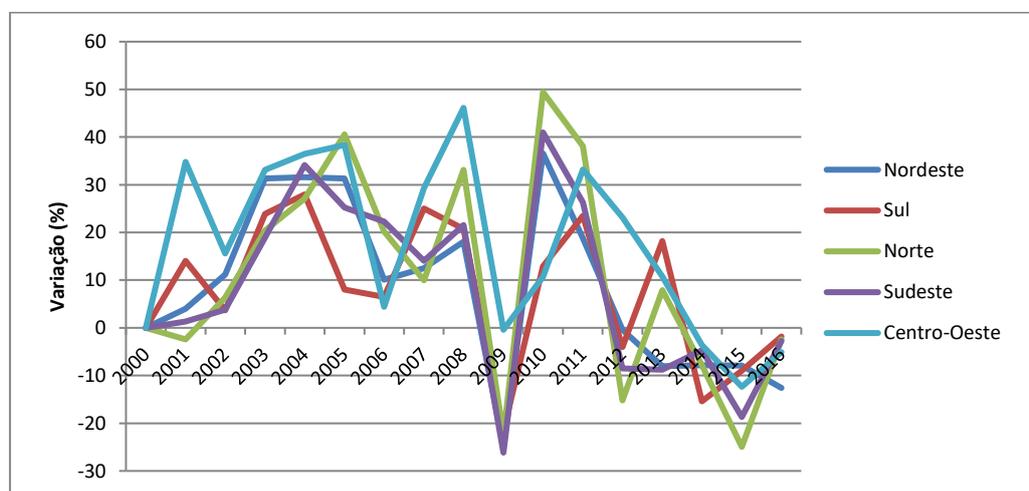
Tabela 2 - Crescimento e Participações das regiões nas Exportações Brasileiras, entre 2000 e 2016.

ANO	Nordeste		Sul		Norte		Sudeste		Centro-Oeste	
	Var %	Part %	Var %	Part %	Var %	Part %	Var %	Part %	Var %	Part %
2000	0,00	7,30%	0,00	23,39	0,00	6,03%	0,00	56,52%	0,00	3,33%
2001	4,01	7,18%	14,07	25,23%	-2,42	5,56%	1,30	54,14%	34,83	4,24%
2002	11,17	7,70%	3,70	25,23%	6,35	5,70%	3,82	54,21%	15,58	4,73%
2003	31,29	8,35%	23,87	25,80%	20,40	5,67%	18,95	53,24%	33,12	5,19%
2004	31,60	8,32%	27,97	25,00%	27,12	5,46%	34,10	54,06%	36,46	5,37%
2005	31,30	8,91%	8,00	22,02%	40,58	6,26%	25,24	55,22%	38,33	6,06%
2006	10,11	8,44%	6,50	20,17%	20,22	6,47%	22,25	58,06%	4,44	5,44%
2007	12,53	8,15%	25,01	21,63%	9,99	6,11%	14,08	56,82%	29,31	6,03%
2008	18,07	7,81%	20,75	21,20%	33,14	6,60%	21,56	56,06%	46,12	7,16%
2009	-24,82	7,59%	-21,63	21,50%	-22,57	6,61%	-26,16	53,55%	-0,39	9,22%
2010	36,56	7,86%	12,93	18,39%	49,44	7,48%	40,97	57,20%	10,71	7,74%
2011	18,80	7,36%	23,51	17,92%	38,06	8,15%	26,32	56,98%	33,19	8,13%
2012	-0,38	7,74%	-4,05	18,15%	-15,19	7,29%	-8,48	55,04%	23,15	10,56%
2013	-8,01	7,14%	18,19	21,49%	7,89	7,89%	-8,78	50,32%	10,76	11,72%
2014	-7,85	7,07%	-15,39	19,55%	-7,81	7,82%	-4,68	51,57%	-3,61	12,15%
2015	-7,91	7,67%	-8,96	20,96%	-24,95	6,91%	-18,65	49,41%	-12,36	12,54%
2016	-12,57	6,92%	-1,82	21,24%	-2,41	6,96%	-2,75	49,58%	-5,08	12,28%

Fonte: MDIC. Elaboração própria.

O gráfico 1 ilustrou que as regiões Nordeste, Sudeste e Norte apresentaram no ano de 2010 suas mais altas taxas, com destaque especial para o Norte, que com 49,44%, teve o maior crescimento ao longo dos anos analisados.

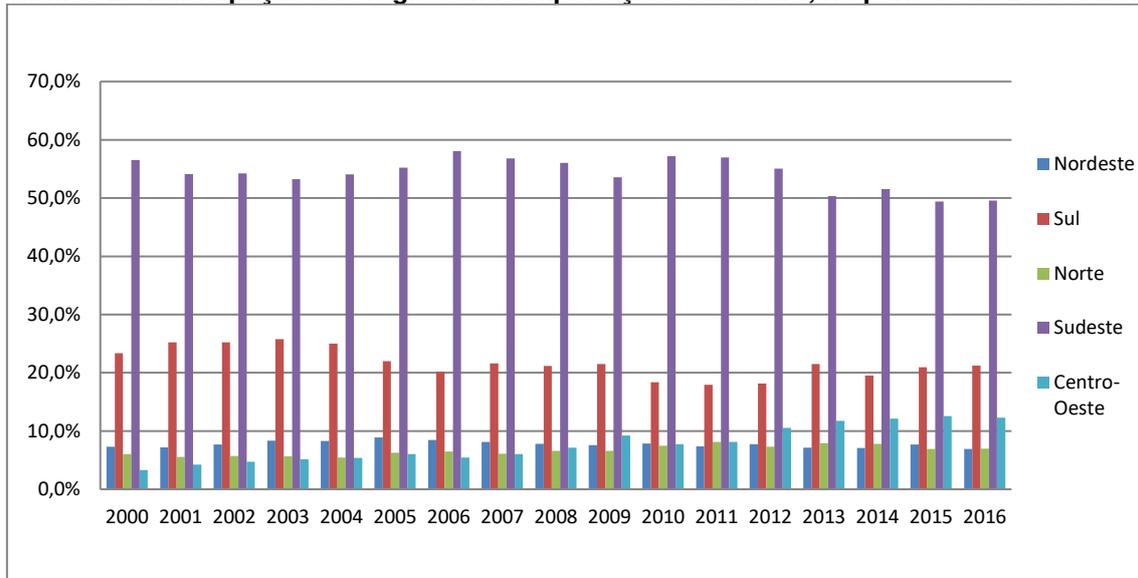
Gráfico 1 - Variação das exportações por regiões brasileiras, no período de 2000 a 2016.



Fonte: MDIC. Elaboração própria.

A participação das grandes regiões nas exportações totais brasileiras, de 2000 a 2016, foram apresentadas no Gráfico 2. Por meio dele, constatou-se que, após 2008, as regiões Sul e Sudeste foram as que mais contribuíram com as exportações totais, acompanhadas pela região Centro-Oeste. Em seguida, tem-se a região Nordeste e Norte com menores participações.

Gráfico 2 - Participação das regiões nas exportações brasileira, no período de 2000 a 2016.



Fonte: MDIC. (Elaboração própria)

A região Nordeste perdeu posição para a região centro-oeste a partir de 2009 e até o último ano analisado, 2016, ainda se encontrava superada por essa região. Percebeu-se também, que nos anos que sucederam 2009, o Nordeste alternou posição com a região Norte.

Isso sugere que o Nordeste durante esse período não apresentou condições necessárias para desenvolver abundantemente as atividades que geram as exportações. Assim, precisa ocorrer na região a criação de políticas que estimulem ainda mais as exportações nordestinas.

4.1.2 – Importações por regiões brasileiras

A Tabela 3 apresenta os valores das importações brasileiras segundo as regiões, durante o período analisado.

Entendeu-se que as importações brasileiras aumentaram até a crise de 2008, que causou redução nos valores de 2009. Além disso, os anos 2014, 2015 e 2016 também foram impactados pela crise financeira mundial e registraram decréscimos desses valores em todas as regiões do país.

O Nordeste, mais uma vez, foi afetado pelo momento nacional e mundial e teve quedas em suas importações durante o período que sucedeu a crise.

Tabela 3 - Importações brasileiras por regiões, entre 2000 e 2016. (Valores US\$ 1000)

ANO	Brasil	Nordeste	Sul	Norte	Sudeste	Centro Oeste
2000	55.850.663	4.776.449	9.667.237	4.280.843	35.885.864	1.134.694
2001	55.601.758	5.128.804	9.839.498	3.661.472	35.559.015	1.378.343
2002	47.242.654	4.659.979	7.796.272	3.453.895	29.765.908	1.545.423
2003	48.325.566	4.328.650	8.670.657	3.783.651	29.835.371	1.684.478
2004	62.835.615	5.510.521	10.825.748	4.678.249	39.462.015	2.320.770
2005	73.600.375	6.307.781	13.407.968	5.677.699	45.216.507	2.950.976
2006	91.350.840	8.854.753	17.395.946	6.996.407	54.093.310	3.983.428
2007	120.617.446	11.776.553	24.186.453	7.675.714	71.124.610	5.776.665
2008	172.984.767	15.526.386	37.035.768	11.379.728	99.863.762	9.089.853
2009	127.722.342	10.795.724	26.379.123	8.079.109	74.967.639	7.426.738
2010	181.768.427	17.585.541	39.210.083	12.737.717	102.015.554	10.116.257
2011	226.246.755	24.132.443	49.270.843	14.725.848	124.939.965	13.029.357
2012	223.183.476	26.006.587	49.310.359	15.701.577	119.035.297	12.985.897
2013	239.747.515	27.739.974	50.903.936	16.143.743	131.135.882	13.649.747
2014	229.154.462	28.712.707	48.262.607	14.900.293	124.377.869	12.699.662
2015	171.449.050	21.426.982	35.082.328	10.632.025	94.819.215	9.317.896
2016	137.552.002	17.539.670	29.773.592	8.048.436	74.569.624	7.620.575

Fonte: MDIC (Elaboração própria)

Na tabela 4, verificou-se que cada região representou nos valores totais das importações nacionais, sendo nela expostos os valores referentes a crescimento e participação, em percentuais.

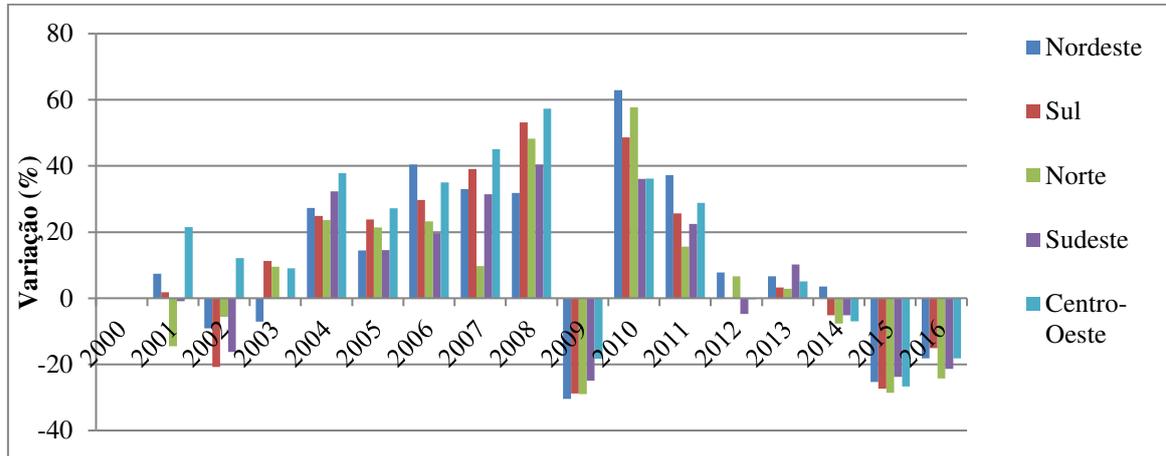
Tabela 4 - Crescimento e Participações das regiões nas Importações Brasileiras, entre 2000 e 2016.

ANO	Nordeste		Sul		Norte		Sudeste		Centro-Oeste	
	Var %	Part.	Var%	Part.	Var %	Part.	Var %	Part.	Var %	Part.
2000	0,00	8,55%	0,00	17,31%	0,00	7,66%	0,00	64,25%	0,00	2,03%
2001	7,38	9,22%	1,78	17,70%	-14,47	6,59%	-0,91	63,95%	21,47	2,48%
2002	-9,14	9,86%	-20,77	16,50%	-5,67	7,31%	-16,29	63,01%	12,12	3,27%
2003	-7,11	8,96%	11,22	17,94%	9,55	7,83%	0,23	61,74%	9,00	3,49%
2004	27,30	8,77%	24,85	17,23%	23,64	7,45%	32,27	62,80%	37,77	3,69%
2005	14,47	8,57%	23,85	18,22%	21,36	7,71%	14,58	61,44%	27,16	4,01%
2006	40,38	9,69%	29,74	19,04%	23,23	7,66%	19,63	59,21%	34,99	4,36%
2007	33,00	9,76%	39,04	20,05%	9,71	6,36%	31,49	58,97%	45,02	4,79%
2008	31,84	8,98%	53,13	21,41%	48,26	6,58%	40,41	57,73%	57,35	5,25%
2009	-30,47	8,45%	-28,77	20,65%	-29,00	6,33%	-24,93	58,70%	-18,30	5,81%
2010	62,89	9,67%	48,64	21,57%	57,66	7,01%	36,08	56,12%	36,21	5,57%
2011	37,23	10,67%	25,66	21,78%	15,61	6,51%	22,47	55,22%	28,80	5,76%
2012	7,77	11,65%	0,08	22,09%	6,63	7,04%	-4,73	53,34%	-0,33	5,82%
2013	6,67	11,57%	3,23	21,23%	2,82	6,73%	10,17	54,70%	5,11	5,69%
2014	3,51	12,53%	-5,19	21,06%	-7,70	6,50%	-5,15	54,28%	-6,96	5,54%
2015	-25,37	12,50%	-27,31	20,46%	-28,65	6,20%	-23,77	55,30%	-26,63	5,43%
2016	-18,14	12,75%	-15,13	21,65%	-24,30	5,85%	-21,36	54,21%	-18,22	5,54%

Fonte: MDIC (Elaboração própria)

De acordo com os dados apresentados na tabela anterior, a região Nordeste foi a terceira região que mais contribuiu com as importações brasileiras, durante o período observado. Já o crescimento dessa variável para região não sofreu grandes alterações, com exceção do ano 2010, onde ela cresceu 62,89%.

Gráfico 3 - Crescimento das importações por regiões brasileiras, no período de 2000 a 2016.



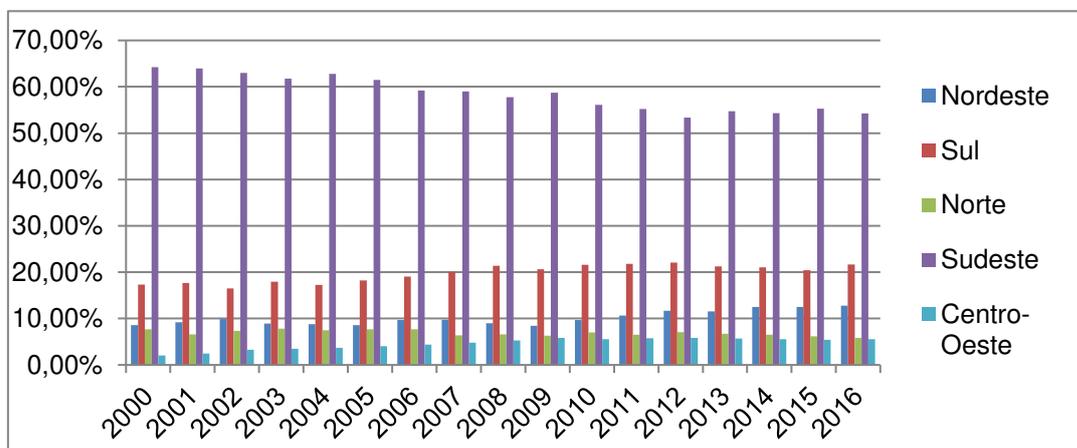
Fonte: MDIC. (Elaboração própria)

No Gráfico 3 observou-se que todas as regiões elevaram suas importações em 2010, nesse ano a região Norte teve sua maior taxa de crescimento (57,66%). O mesmo ocorreu em 2008 com a região Sul (53,13%), a região Sudeste (40,41%) e a com a região Centro-Oeste (57,35%), onde ambas registraram seus maiores percentuais de crescimento nas importações.

Nesse sentido, a região Nordeste foi aquela que apresentou o maior crescimento em todo o período analisado, com 62,89% em 2010.

O gráfico 4 apresenta as participações das regiões nas importações brasileiras, durante o período de 2000 a 2016.

Gráfico 4 - Participação das regiões nas importações brasileira, no período de 2000 a 2016.



Fonte: MDIC. (Elaboração própria)

Notou-se que o Sudeste, seguido pela região Sul, obteve os maiores percentuais de participação nas importações nacionais, porém, diminuiu sua participação ao longo dos anos, passando de 64,25%, em 2000, para 54,21% em 2016. Enquanto isso, a região Sul participou mais e chegou ao seu maior percentual (21,65%), em 2016. (Para mais detalhes ver Tabela 4)

Percebeu-se também, que o Nordeste foi a terceira região com maior contribuição nas importações e distanciou-se das regiões Norte e Centro-Oeste, que surgiram com participações menores nas importações brasileiras.

4.2–Análise do comércio exterior nordestino

4.2.1 - Balança comercial da Região Nordeste

Na tabela 5, têm-se valores absolutos para as exportações, importações e para o saldo da balança comercial nordestina, entre os anos 2000 e 2016.

Tabela 5 - Exportação, Importação e Saldo da Região Nordeste, de 2000 a 2016 (Valores US\$1000)

ANO	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO	SALDO COMERCIAL
2000	4.026.157	4.776.449	-750.292
2001	4.187.781	5.128.804	-941.023
2002	4.655.567	4.659.979	-4.412
2003	6.112.111	4.328.650	1.783.461
2004	8.043.285	5.510.521	2.532.764
2005	10.561.140	6.307.781	4.253.359
2006	11.629.125	8.854.753	2.774.372
2007	13.086.243	11.776.553	1.309.690
2008	15.451.508	15.526.386	-74.878
2009	11.616.307	10.795.724	820.583
2010	15.863.313	17.585.541	-1.722.228
2011	18.845.432	24.132.443	-5.287.011
2012	18.773.212	26.006.587	-7.233.375
2013	17.270.151	27.739.974	-10.469.823
2014	15.914.071	28.712.707	-12.798.636
2015	14.655.435	21.426.982	-6.771.547
2016	12.813.680	17.539.670	-4.725.990

Fonte: MDIC (Elaboração Própria)

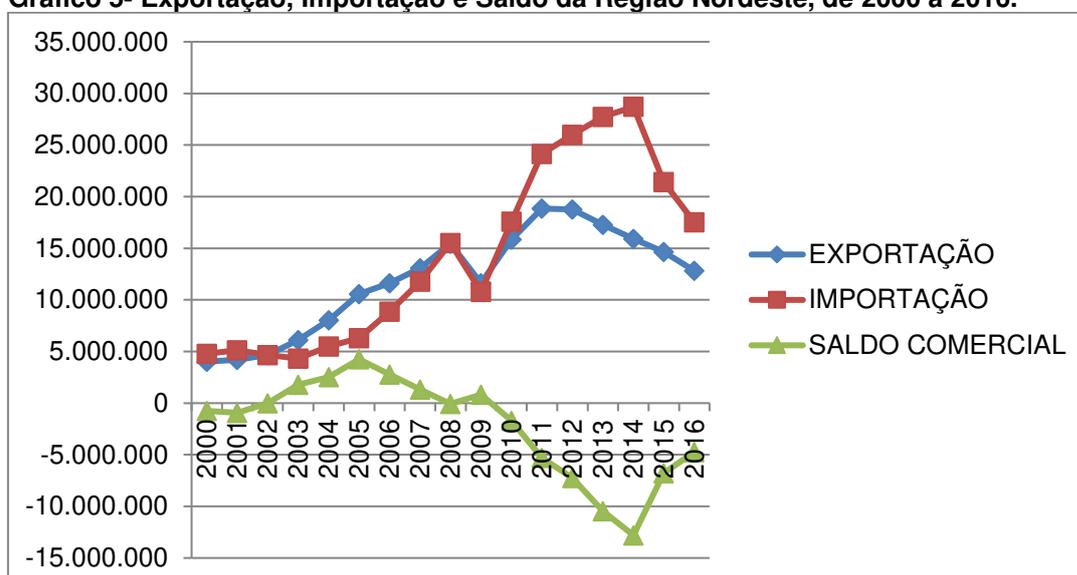
Percebeu-se que durante esse período o Nordeste apresentou um aumento significativo de suas importações e pouco exportou. Isso pode ser explicado pelo fato da região ainda possuir uma capacidade produtiva baixa e pouco diversificada, além da necessidade da indústria de comprar insumos do mercado internacional.

A balança comercial, ao longo dos dezesseis anos analisados, só esteve com saldo positivo em apenas seis anos. Ou seja, isso ocorreu de 2003 a 2007 e

também em 2009, quando as exportações nordestinas superaram as importações e geraram um superávit, porém o ano de 2008 não apresentou o mesmo resultado, em decorrência da forte crise econômica, anteriormente explicada, que fez as exportações do país como um todo diminuírem.

Com base no gráfico 5, o registro de maior superávit comercial nordestino durante o período foi em 2005. Notou-se ainda que, 2005 foi o ano que houve o maior superávit comercial nordestino, sendo este um dos anos em que a região mais expandiu seu comércio exterior. Além disso, observou-se que a partir de 2012 as exportações caíram, fato que pode ter sido influenciado pelas más condições climáticas, que provocou redução da capacidade produtiva da região.

Gráfico 5- Exportação, Importação e Saldo da Região Nordeste, de 2000 a 2016.



Fonte: MDIC (Elaboração Própria)

4.2.2 – Exportações e Importações dos estados nordestinos

As análises dessa subseção e também das seções seguintes foram feitas expondo os dados para os seguintes anos: 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016. Entendeu-se que, a opção por anos salteados apresentou uma maneira mais objetiva e organizada de expor informações sobre a evolução do comércio exterior nordestino.

A tabela 6 apresentou os valores totais e a participação dos estados nordestinos nas exportações, para os anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016.

Através da análise dos dados, notou-se que o estado da Bahia foi responsável pelo maior valor exportado durante o período, com US\$ 11.267.769 em 2012. Além disso, a Bahia teve também a maior participação de um estado nas

exportações da região, sendo dele 60,02% os valores exportados pelo Nordeste em 2012.

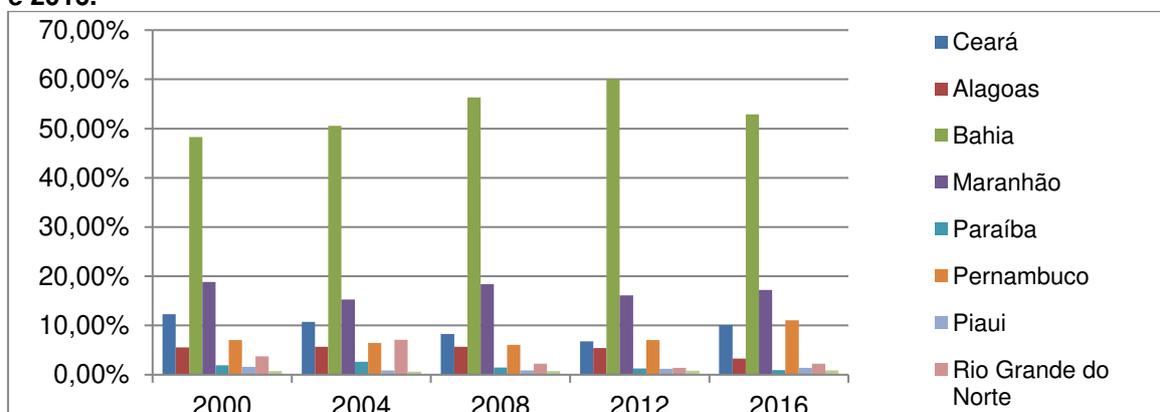
Tabela 6 - Valores totais e participação dos estados nas exportações do Nordeste, para os anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016. (US\$ FOB 1000)

ESTADOS	2000		2004		2008		2012		2016	
	US\$ FOB	Part.	US\$ FOB	Part.	US\$ FOB	Part.	US\$ FOB	Part.	US\$ FOB	Part.
CEARÁ	495.338	12,30%	861.567	10,71%	1.276.970	8,26%	1.266.963	6,75%	1.294.135	10,10%
ALAGOAS	224.351	5,57%	457.752	5,69%	877.499	5,68%	1.014.421	5,40%	420.829	3,28%
BAHIA	1.943.780	48,28%	4.066.036	50,55%	8.698.663	56,30%	11.267.769	60,02%	6.776.509	52,88%
MARANHÃO	758.246	18,83%	1.231.094	15,31%	2.836.303	18,36%	3.024.687	16,11%	2.209.829	17,25%
PARAÍBA	77.613	1,93%	214.280	2,66%	227.707	1,47%	243.369	1,30%	121.472	0,95%
PERNAMBUCO	284.247	7,06%	517.549	6,43%	937.633	6,07%	1.319.976	7,03%	1.417.816	11,06%
PIAUI	63.354	1,57%	73.376	0,91%	136.962	0,89%	225.729	1,20%	175.002	1,37%
RIO GRANDE DO NORTE	149.442	3,71%	573.836	7,13%	348.091	2,25%	261.233	1,39%	284.679	2,22%
SERGIPE	29.781	0,74%	47.791	0,59%	111.676	0,72%	149.073	0,79%	113.375	0,88%

Fonte: Alice web (Elaboração própria)

O gráfico 6 explica com mais clareza as participações estaduais nos valores exportados pelo Nordeste, para os anos analisados.

Gráfico 6 - Participações dos estados nas exportações do Nordeste, em 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016.



Fonte: Alice web (Elaboração própria)

Considerando que as exportações são caracterizadas por grandes produções e que os estados que mais exportam são os principais favorecidos com algumas políticas públicas (via incentivos fiscais). Observou-se no gráfico 6, que a Bahia foi o estado que mais exportou sua produção.

Tal posição do estado da Bahia pode ser explicada justamente pela massiva chegada de indústrias, que buscaram o estado para desenvolver suas atividades produtivas, visando aproveitar-se das boas condições oferecidas com os

incentivos governamentais e mão de obra barata, tanto na Bahia como nos demais estados da região Nordeste.

Maranhão e Ceará foram os outros estados que apresentaram boas participações, respectivamente, como segundo e terceiro estado de maior participação até 2012. A partir de 2012, o estado de Pernambuco superou o Ceará, enquanto isso, os demais estados alternaram bastante suas participações.

A tabela 7 mostrou os valores totais e a participação dos estados nas importações nordestinas, durante os anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016.

Tabela 7- Valores totais e Participação dos estados nas importações do Nordeste, para os anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016. (US\$ FOB 1000)

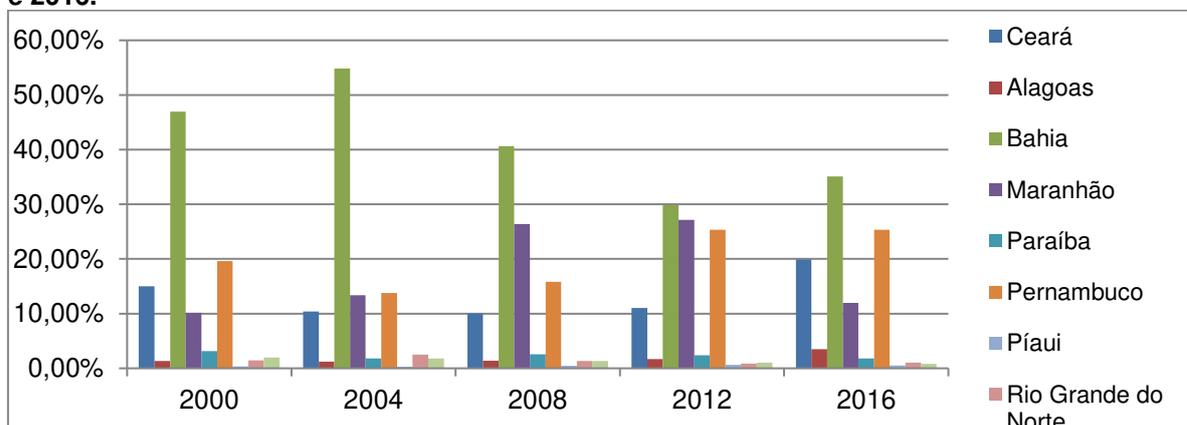
ESTADOS	2000		2004		2008		2012		2016	
	US\$ FOB	Part.								
CEARÁ	717.920	15,01%	572.739	10,39%	1.558.471	10,04%	2.864.257	11,01%	3.489.877	19,90%
ALAGOAS	64.661	1,35%	67.393	1,22%	216.051	1,39%	433.928	1,67%	612.019	3,49%
BAHIA	2.241.956	46,94%	3.020.720	54,82%	6.309.577	40,64%	7.764.509	29,86%	6.151.450	35,07%
MARANHÃO	485.114	10,16%	735.732	13,35%	4.102.751	26,42%	7.060.363	27,15%	2.101.599	11,98%
PARAÍBA	150.248	3,15%	98.056	1,78%	396.373	2,55%	619.969	2,38%	312.845	1,78%
PERNAMBUCO	936.026	19,60%	758.733	13,77%	2.460.592	15,85%	6.595.544	25,36%	4.449.306	25,37%
PIAUI	15.917	0,33%	16.571	0,30%	71.707	0,46%	170.621	0,66%	92.922	0,53%
RIO GRANDE DO NORTE	70.181	1,47%	139.486	2,53%	207.305	1,34%	222.318	0,85%	184.556	1,05%
SERGIPE	94.427	1,98%	101.051	1,83%	203.560	1,31%	275.079	1,06%	145.097	0,83%

Fonte: Alice web (Elaboração própria)

As informações seguintes apontaram mais uma vez a Bahia como o estado mais participativo. Sua maior participação foi com US\$ 7.764.509, sendo responsável por 54,82% das importações nordestinas em 2004.

Na sequência, o gráfico 7 apresentou a participação dos estados nas importações do Nordeste, para o período analisado.

Gráfico 7 - Participações dos estados nas importações do Nordeste, em 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016.



Fonte: Alice web (Elaboração própria)

Houve uma maior variação nas porcentagens de participação durante o período analisado, porém, depois da Bahia, os estados que mais contribuíram com as importações foram Maranhão, Pernambuco e Ceará.

Alagoas, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba e Sergipe apresentaram participações pequenas, variando entre 0,30% e 3,49% (para mais detalhes, ver tabela 7) das importações da região Nordeste nos anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016.

4.3- Pauta de Exportação e Importação do Nordeste

Essa subseção apresentou uma análise das exportações e importações feitas pela região Nordeste, em períodos salteados, a partir das seguintes classificações: por fator agregado, por categoria e por produto.

4.3.1 – Exportação e Importação por fator agregado

As exportações por fator agregado são definidas de acordo com a quantidade de modificação que um bem sofre desde o seu processamento até chegar ao consumidor por meio das vendas. Divide-se em duas categorias de bens: básicos ¹⁶ e industrializados ¹⁷, sendo que o último subdividiu-se em semimanufaturados¹⁸ e manufaturados¹⁹.

Na Tabela 8, apontaram-se os valores totais e a taxa de crescimento das exportações nordestinas por fator agregado, durante os anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016.

Percebeu-se que os bens industrializados foram os mais exportados pela região nordeste, principalmente, os manufaturados que chegaram a aumentar os seus valores em até 126,11%, entre 2000 e 2004. Os produtos básicos também apresentaram aumento em suas taxas de crescimento até o ano de 2008. Outro fato importante observado foi que, a partir de 2012, todos os tipos de produtos tiveram forte redução em seus valores exportados.

¹⁶ Bens que guardam características mais próximas possíveis de seu estado natural, ou seja, apresentam baixo grau de transformação em sua elaboração.

¹⁷ Bens que sofreram maior transformação.

¹⁸ Bens que ainda não estão na forma definitiva de uso e terão que passar por algum outro processo além do trabalho manual.

¹⁹ Bens produzidos ou modificados com trabalho manual.

Tabela 8 - Valores totais e taxa de crescimento das exportações nordestinas por fator agregado, nos anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016. (US\$ 1000 FOB)

ANO	Básicos		Semimanufaturados		Manufaturados	
	US\$ FOB	Var %	US\$ FOB (A)	Var%	US\$ FOB (B)	Var%
2000	738.187	-	1.461.589	-	1.753.761	-
2004	2.038.457	176,1%	1.959.737	34,08%	3.965.442	126,11%
2008	3.450.269	69,26%	5.357.736	173,39%	6.397.463	61,33%
2012	5.078.154	47,18%	4.924.317	-8,09%	8.435.765	31,86%
2016	2.872.457	-43,44%	3.970.997	-19,36%	5.848.943	-30,66%

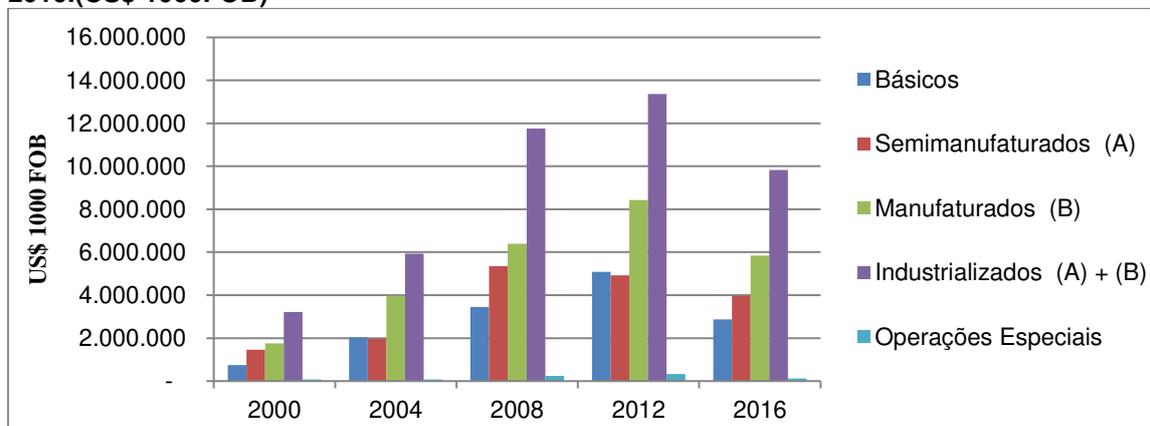
ANO	Industrializados		Operações Especiais	
	US\$ FOB (A) + (B)	Var%	US\$ FOB	Var %
2000	3.215.350	-	72.621	-
2004	5.925.179	84,28%	79.649	9,68%
2008	11.755.199	98,39%	246.040	208 %
2012	13.360.082	13,65%	334.977	36,1%
2016	9.819.940	-26,50%	121.284	-63,7%

Fonte: MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Elaboração própria.

Na sequência, o gráfico 8 apresentou as exportações da região nordeste por fator agregado, durante os anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016.

Através da análise dos dados do gráfico 8, percebeu que os produtos industrializados são os mais exportados, com destaque para os do tipo manufaturados.

Gráfico 8 - Exportações nordestinas por fator agregado nos anos 2000, 2004, 2008,2012 e 2016.(US\$ 1000FOB)



Fonte: MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Elaboração própria.

As categorias destacadas anteriormente para exportações por fator agregado também servem para analisar as importações da região. Assim, a tabela 9 apresentou tais valores para 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016.

Tabela 9 - Importações do Nordeste por fator agregado em valores totais e variáveis nos anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016. (US\$ 1000 FOB)

Ano	Básicos		Semimanufaturados		Manufaturados		Industrializados	
	US\$ FOB	Var %	US\$ FOB (A)	Var%	US\$ FOB (B)	Var%	US\$ FOB (A) + (B)	Var%
2000	1.087.430	-	132.193	-	3.556.826	-	3.689.020	-
2004	1.419.708	30,56%	161.633	22,27%	3.929.181	10,47%	4.090.814	10,89%
2008	2.471.983	74,12%	571.133	253,35%	12.483.271	217,71%	13.054.404	219,12%
2012	2.450.491	-0,87%	1.106.297	93,70%	22.449.799	79,84%	23.556.096	80,45%
2016	2.443.396	-0,29%	511.742	-53,74%	14.584.533	-35,03%	15.096.275	-35,91%

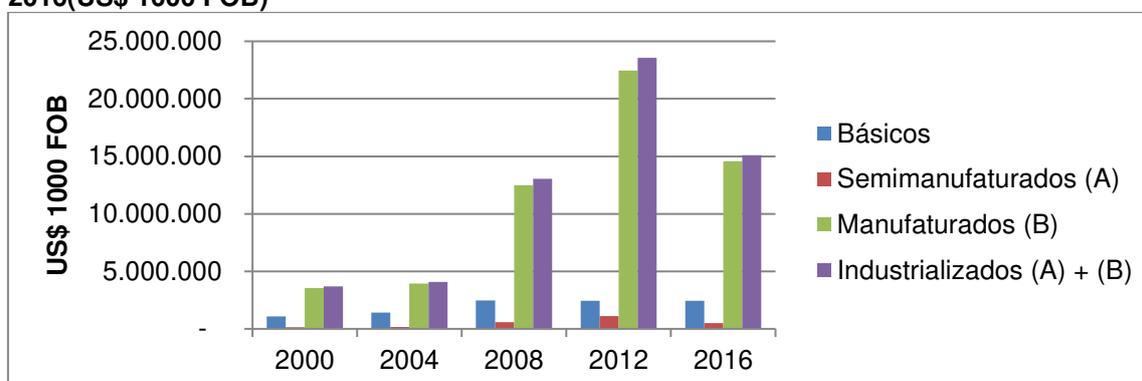
Fonte: MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Elaboração própria.

Os bens industrializados mais importados foram aqueles do tipo manufaturados, que apresentaram um crescimento de 217,71% em 2004. Para 2016, os produtos manufaturados e os semimanufaturados sofreram reduções nas suas importações. Já os produtos básicos começaram a diminuir suas importações a partir 2008.

O gráfico 9 as importações por fator agregado da região nordestina, durante o período analisado.

Nele observou-se que as importações, assim como as exportações, focaram na aquisição de bens industrializados. O ano de 2012 foi novamente o ponto marcante, pois ele apresentou os maiores valores importados e a partir dele houve um decréscimo nas taxas de crescimento.

Gráfico 9 - Importações nordestinas por fator agregado nos anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016(US\$ 1000 FOB)



Fonte: MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Elaboração própria.

No gráfico também foi possível notar que, os produtos manufaturados foram os mais importados, dentre os industrializados, e os do tipo básicos mantiveram quase a mesma quantidade importada ao longo dos anos analisados.

4.3.2 – Exportação e Importação por categoria

Na Economia, a determinação de exportação e importação por categorias de uso utiliza-se da ideia de que os produtos são definidos através da atividade do ramo industrial as quais pertencem. Existindo assim, quatro classificações, que são: bens de capital, bens de consumo, bens intermediários e combustíveis e lubrificantes. Sendo que, os bens de consumo dividem-se em duráveis e não duráveis.

Tabela 10 - Exportações Nordestinas por categoria sem valores totais e variações, entre 2000, 2004, 2008 e 2016 (US\$ 1000 FOB)

Ano	Bens de capital		Bens intermediários		Bens de consumo		Combustíveis e lubrificantes		Demais operações	
	US\$ FOB	Var %	US\$ FOB	Var %	US\$ FOB	Var %	US\$ FOB	Var %	US\$ FOB	Var %
2000	64.911	-	3.002.769	-	704.097	-	180.296	-	72.621	-
2004	58.825	-9,38%	4.994.686	66,34%	2.059.747	192,54%	843.505	367,84%	79.649	9,68%
2008	127.862	117,36%	10.895.643	118,14%	2.813.930	36,62%	1.368.029	62,18%	246.040	208,91%
2012	919.346	619,01%	13.054.187	19,81%	2.299.303	-18,29%	2.165.404	58,29%	334.977	36,15%
2016	360.423	-60,80%	9311384,51	-28,67%	2.189.294	-4,78%	831.295	-61,61%	121.284	-63,79%

Fonte: MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Elaboração própria.

A tabela 10 indicou os valores totais das exportações por categorias ocorridas na região nordeste, além da variação de suas taxas de crescimento para os anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016.

Constatou-se que os bens intermediários, como alimentos para animais, materiais de construção, entre outros produtos utilizados na produção de bens finais, foram os de maior quantidade exportada pela região.

Todas as categorias de produção tiveram suas exportações expandidas durante o período de tempo analisado. O setor de bens de capital obteve a maior variação de crescimento (619,01%), em 2012. Apesar das exportações desse tipo de bem ter diminuído 60,80% nos anos seguintes, percebeu-se que aos poucos a região começa a expandir essa categoria.

A tabela 11 destaca as importações nordestinas por categoria, em valores totais e variações, durante os anos 2000, 2004, 2008 e 2016.

Tabela 11 - Importações nordestinas por categoria em valores totais e variações, entre os anos 2000, 2004, 2008 e 2016(US\$ 1000 FOB)

Ano	Bens de capital		Bens intermediários		Bens de consumo		Combustíveis e lubrificantes	
	US\$ FOB	Var %	US\$ FOB	Var %	US\$ FOB	Var %	US\$ FOB	Var %
2000	744.002	-	3.002.769	-	336.734	-	1.744.753	-
2004	936.644	25,89%	2.538.636	-15,46%	392.653	16,61%	1.635.760	-6,25%
2008	2.107.038	124,96%	6.920.651	172,61%	1.249.241	218,15%	5.447.046	233,00%
2012	3.970.459	88,44%	8.643.261	24,89%	2.631.964	110,69%	10.753.477	97,42%
2016	4.255.024	7,17%	6.924.645	-19,88%	1.308.912	-50,27%	5.051.090	-53,03%

Fonte: MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Elaboração própria.

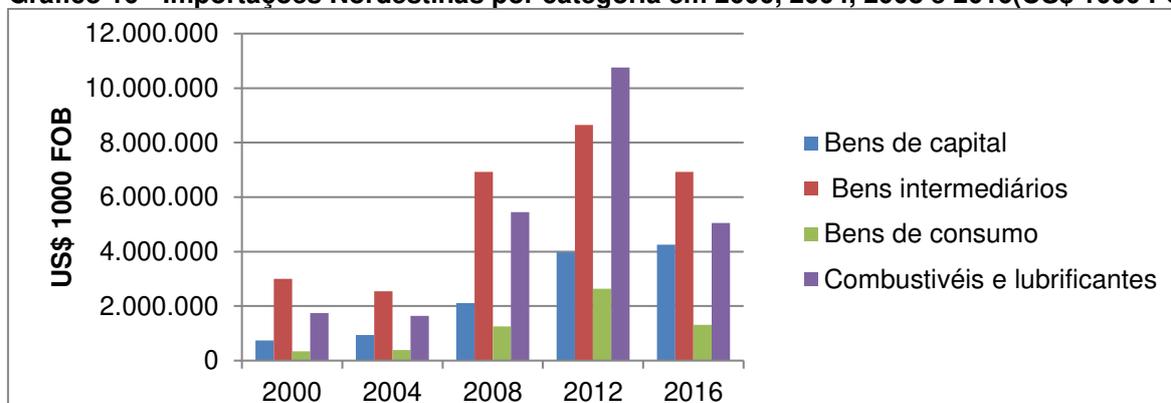
Conforme os dados expostos na tabela 11, até 2008 os bens intermediários eram os que mais impulsionavam as importações por categoria, porém, foram superados pela categoria de combustíveis e lubrificantes em 2012 e só voltaram a dominar as importações em 2016.

Já com relação à taxa de crescimento, o setor de combustíveis e lubrificantes foi o que mais variou positivamente, chegou a registrar até 233,00% de crescimento, em 2008.

O gráfico 10 demonstra os valores importados pelo Nordeste, de acordo com a categoria dos produtos, durante o período de tempo analisado.

Segundo o gráfico abaixo, além dos bens intermediários e dos combustíveis e lubrificantes, percebeu-se que os bens de consumo e de capital apresentaram elevações até 2012, porém logo após sofreram quedas em seus valores.

Gráfico 10 - Importações Nordestinas por categoria em 2000, 2004, 2008 e 2016(US\$ 1000 FOB)



Fonte: MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Elaboração própria.

4.3.3 – Exportação e Importação por produto

A tabela 12 apresenta os três produtos mais exportados pelo Nordeste em cada ano e suas respectivas participações, nos anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016. A maior participação de um produto nas exportações foi em 2016, com a pasta química de madeira contribuindo com 11,25% das exportações da região.

O Fuel-Oil, seguido pela pasta química de madeira, foram os produtos que apresentaram os maiores valores absolutos em exportações. No geral, a maioria dos produtos exportados foram bens intermediários, ou seja, serviram para produzir outros tipos de bens. Sabendo que a região atraiu várias indústrias ao longo dos últimos anos, os resultados obtidos são coerentes.

Tabela 12 - Produtos exportados e suas participações nas exportações nordestinas nos anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016.

ANO	PRODUTOS	US\$ FOB	PART %
2000	ALUMINIO NAO LIGADO EM FORMA BRUTA	352.126.706	8,75
	ACUCAR DE CANA,EM BRUTO	228.138.882	5,67
	PASTA QUIM.MADEIRA DE N/CONIF.A SODA/SULFATO,SEMI/BRANQ	173.044.140	4,3
2004	AUTOMOVEIS C/MOTOR EXPLOSAO,1500<CM3<=3000, AT "FUEL-OIL"	584.095.586	7,27
	"FUEL-OIL"	421.820.436	5,25
	ACUCAR DE CANA, EM BRUTO	355.899.202	4,43
2008	PASTA QUIM.MADEIRA DE N/CONIF.A SODA/SULFATO, "FUEL-OIL"	1.239.394.249	8,02
	"FUEL-OIL"	1.220.088.417	7,9
	OUTROS GRAOS DE SOJA,MESMO TRITURADOS	933.389.686	6,04
2012	"FUEL-OIL"	2.016.388.704	10,74
	SOJA, MESMO TRITURADA, EXCETO PARA SEMEADURA	1.868.509.340	9,95
	PASTA QUIM.MADEIRA DE N/CONIF.A SODA/SULFATO,	1.219.392.467	6,5
2016	PASTA QUIM.MADEIRA DE N/CONIF.A SODA/SULFATO,SEMI/BRANQ	1.441.234.720	11,25
	SOJA, MESMO TRITURADA, EXCETO PARA SEMEADURA	976.980.410	7,62
	ALUMINA CALCINADA	899.001.542	7,02

Fonte: MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Elaboração própria.

Na sequência, a Tabela 13 apresentou os três principais produtos importados e suas participações em 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016.

Os produtos analisados se mantiveram entre os três mais adquiridos do exterior. O “gasóleo” (óleo diesel) foi durante todo o período, exceto em 2016, o produto que teve maior participação nas importações nordestinas. Logo após, vem as Naftas para petroquímica, que assumiram a condição de produto mais importado em 2016.

Tabela 13 - Produtos importados e suas participações nas exportações nordestinas nos anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016.

ANO	PRODUTOS	US\$ FOB	PART %
2000	GASOLEO (OLEO DIESEL)	626.826.475	13,07
	NAFTAS PARA PETROQUIMICA	363.865.575	7,59
	SULFETOS DE MINERIOS DE COBRE	264.167.525	5,51
2004	"GASOLEO" (OLEO DIESEL)	661.791.844	12,02
	SULFETOS DE MINERIOS DE COBRE	463.923.050	8,43
	NAFTAS PARA PETROQUÍMICA	391.270.029	7,11
2008	"GASOLEO" (OLEO DIESEL)	3.107.948.517	19,77
	SULFETOS DE MINERIOS DE COBRE	1.028.741.905	6,54
	NAFTAS PARA PETROQUÍMICA	981.307.405	6,24
2012	"GASOLEO" (OLEO DIESEL)	4.482.250.256	17,24
	OUTRAS GASOLINAS, EXCETO PARA AVIACAO	2.705.476.244	10,41
	NAFTAS PARA PETROQUIMICA	1.261.886.797	4,85
2016	NAFTAS PARA PETROQUIMICA	1.269.146.759	7,24
	"GASOLEO" (OLEO DIESEL)	1.051.249.030	5,99
	OUTRAS GASOLINAS, EXCETO PARA AVIACAO	696.389.573	3,97

Fonte: MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Elaboração própria.

4.4 – Origem das importações e destino das exportações do Nordeste por Bloco Econômico.

A tabela 14 trouxe os valores totais e as variações das exportações nordestinas por bloco econômico, para os anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016.

Tabela 14 - Valores totais e variações das exportações nordestinas por bloco econômico para os anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016.(US\$ 1000 FOB)

BLOCOS ECONÔMICOS	2000		2004		2008		2012		2016	
	US\$ FOB	Var %	US\$ FOB	Var %	US\$ FOB	Var %	US\$ FOB	Var %	US\$ FOB	Var %
UNIAO EUROPEIA –EU	1.084.225	-	1.936.696	78,6%	5.182.088	167,6%	5.487.732	5,9%	2.945.281	-46,3%
MERCADO COMUM DO SUL-MERCOSUL	481.388	-	832.093	72,9%	1.561.043	87,6%	1.535.095	-1,7%	1.568.859	2,2%
ASIA (EXCLUSIVE ORIENTE MEDIO)	355.995	-	770.196	116,4%	2.212.167	187,2%	3.909.542	76,7%	3.289.839	-15,9%
ALADI (EXCLUSIVE MERCOSUL)	212.034	-	889.344	319,4%	1.228.796	38,2%	930.695	-24,3%	2.420.549	160,1%
DEMAIS BLOCOS	595.000	-	1.478.467	148,5%	2.107.417	42,5%	3.856.274	83,0%	3.044.055	-21,1%

Fonte: MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Elaboração própria.

A União Europeia-EU foi o bloco econômico que mais comprou produtos nordestinos, embora tenha diminuído seus valores em 2016 (-46,3%) e perdido o posto para a Ásia (exclusive oriente médio), ela foi o principal destino das vendas feitas pela região.

As exportações destinadas ao MERCOSUL apresentaram aumentos entre 2004 e 2008. Já a Associação latino-americana de integração (ALADI), destacou-se

como o bloco econômico que menos exportou produtos da região Nordeste, mas em 2016 as vendas destinadas a esse bloco aumentaram 160,1%.

Na sequência, a tabela 15 apresenta os valores totais e as variações das importações por bloco econômico para os anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016.

Tabela 15 - Valores totais e variações das importações nordestinas por bloco econômico para os anos 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016. (US\$ 1000 FOB)

BLOCOS ECONÔMICOS	2000		2004		2008		2012		2016	
	US\$ FOB	Var %	US\$ FOB	Var %	US\$ FOB	Var %	US\$ FOB	Var %	US\$ FOB	Var %
UNIAO EUROPEIA - UE	611.228	-	1.009.264	65,1%	2.098.301	107,9%	4.831.142	130,2%	3.231.771	-33,1%
MERCADO COMUM DO SUL - MERCOSUL	1.015.211	-	965.201	-4,9%	1.698.129	75,9%	2.504.221	47,5%	1.855.347	-25,9%
ASIA (EXCLUSIVE ORIENTE MEDIO)	368.649	-	619.641	68,1%	3.785.857	511,0%	6.464.181	70,7%	4.302.246	-33,4%
ALADI (EXCLUSIVE MERCOSUL)	889.444	-	552.762	-37,9%	1.947.955	252,4%	2.316.171	18,9%	3.678.052	58,8%
DEMAIS BLOCOS	954.919	-	1.431.540	49,9%	4.039.601	182,2%	4.926.624	22,0%	1.444.136	-70,7%

Fonte: MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Elaboração própria.

A Tabela 15 apontou que em 2000 os valores importados pela região Nordeste eram, em sua maioria, adquiridos do MERCOSUL.

A partir de 2008 até 2016, o bloco da Ásia (exclusive oriente médio) foi a principal origem das importações feitas pelo Nordeste. Nesse mesmo período também houve muitas compras oriundas da União Europeia-UE, com aumento de até 130,2%.

5 CONCLUSÃO

O objetivo geral deste estudo foi analisar a evolução do comércio exterior nordestino, durante o período de 2000 a 2016.

A partir da elaboração desta pesquisa, os objetivos do trabalho foram atendidos. Para tanto, desenvolveu-se o referencial teórico, com uma abordagem sobre as vantagens do comércio exterior, a importância da integração regional, as principais teorias clássicas do comércio internacional, o histórico e os desafios do Brasil e da região Nordeste e, por fim, as perspectivas do comércio exterior nordestino. Ressaltou-se ainda, a importância das informações coletadas no Sistema eletrônico do MDIC e no Alice Web.

Durante o período analisado, o Brasil apresentou expansão e retração de suas atividades no setor externo. Diante disso, observou-se que a região nordeste foi muito impactada por problemas de ordem econômica em anos recentes. O governo federal, através de algumas políticas desenvolvimentistas, concedeu subsídios fiscais e investiu no combate às secas, assim induziu a chegada de indústrias na região e contribuiu para a expansão do comércio exterior nordestino.

A crise econômica internacional de 2008 provocou redução do saldo comercial brasileiro com quedas significantes nas exportações e importações em 2009, porém, observou-se que no ano seguinte houve uma retomada do volume comercializado com o exterior. Ressalta-se que, a movimentação descrita foi a mesma para o comércio exterior da região Nordeste.

Verificou-se que o comércio exterior da região nordeste obteve crescimento em suas exportações e importações, sendo ele afetado de forma negativa somente em eventuais períodos de crises. Apesar dos valores importados serem maiores do que os exportados nos últimos sete anos, o Nordeste acompanhou o momento vivido pelo Brasil. Assim, a significância da região nordeste seguiu a trajetória do mercado externo brasileiro.

Dessa forma, o presente trabalho foi importante por proporcionar um melhor entendimento sobre as modificações ocorridas no comércio exterior brasileiro e nordestino durante o período analisado. Em outras palavras, o estudo possibilitou verificar o comportamento do comércio exterior do Nordeste, levando em consideração os acontecimentos econômicos que afetaram suas transações comerciais.

Em relação às dificuldades para a realização deste trabalho, destacaram-se como principais: a falta de dados do PIB nordestino atualizado, a ausência de maiores explicações sobre a influência dos estados no comércio exterior da região e a impossibilidade de analisar a comercialização de um mesmo produto ao longo do período estudado.

Assim, esse estudo traz para o meio acadêmico uma análise geral do comércio exterior brasileiro e uma abordagem mais específica sobre o da região Nordeste, servindo de instrumento para aprofundar conhecimentos. Para a universidade, o presente trabalho representa uma nova fonte de pesquisa para estudos futuros. Para as empresas e instituições de pesquisa, o estudo serve para apresentar o contexto atual do comércio exterior nordestino. Já para os formuladores de políticas públicas, o estudo pode constituir-se como uma ferramenta de análise.

Como sugestão para trabalhos futuros, sugere-se que sejam feitas análises dos impactos das políticas econômicas sobre o comércio exterior nordestino, a fim de que tais políticas sejam utilizadas para melhorar o setor externo da região. Além disso, pode-se fazer um aprofundamento do estudo, utilizando-se de um período de tempo maior, e uma análise mais detalhada sobre os tipos, os preços e a qualidade dos produtos exportados e importados pela região Nordeste.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALADI, **Asociación Latino americana De Integración**. Disponível em: <<http://www.aladi.org/sitioAladi/indexP.html>>. Acesso em: 8 maio 2018
- ALICEWEB, **Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior**. 2017. Disponível em: <<http://aliceweb.mdic.gov.br//menu/index/item/aliceweb>>. Acesso em: 12 de out. 2017.
- APEC, **Asia-Pacific Economic Cooperation**. Disponível em: <<https://www.apec.org/>>. Acesso em: 8 maio 2018.
- BAUMANN, R; GONÇALVES, R; CANUTO, O. **Economia Internacional – Teoria e Experiência Brasileira**. Campus, 2004.
- CAN, **Comunidad Andina**. Disponível em:<<http://www.comunidadandina.org/Index.aspx>>. Acesso em: 9 maio 2018.
- CARICOM, **Caribbean Community**. Disponível em: <<http://caricom.org/>>. Acesso em: 9 maio 2018.
- EU, **European Union**. Disponível em: <https://europa.eu/european-union/index_pt>. Acesso em: 10 maio 2018.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UECE, 2002. Apostila.
- FONSECA, Pedro Cesar Dutra; CUNHA, André Moreira; BICHARA, Julimar da Silva. **O Brasil na Era Lula: retorno ao desenvolvimentismo?** Nova economia vol. 23 no. 2 Belo Horizonte May/Aug., 2013.
- FONSÊCA, M. B.. **Abertura comercial e integração regional: os impactos da ALCA sobre as exportações agrícolas brasileiras numa abordagem de equilíbrio parcial**.Recife,PE.,2004.
- GALVÃO, O. J. A.. **45 anos de Comércio Exterior no Nordeste do Brasil: 1960-2004**. Fortaleza: Revista Economia do Nordeste, 2007.
- GIAMBIAGI, F.; VILLELA, A.; CASTRO, L. B. DE; HERMANN, J. **Economia Brasileira Contemporânea: 1945-2010**. Editora Elsevier, 2011.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GONÇALVES, Renata da Silva. **A CEPAL dos anos 50 e sua influência no pensamento político brasileiro**. 2014.
- HIDALGO, B. A. ; FEISTEL, R. P. **Mudanças na Estrutura do Comércio Exterior Brasileiro: Uma Análise sob a Ótica da Teoria de Heckscher-Ohlin**. São Paulo, 2013.
- IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 25 de out. 2017.

KRUGMAN, PAUL; OBSTFELD, M. **Economia Internacional – Teoria e Política**. 2001. 5ª edição, Makron Books - Brasil.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos da metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LACERDA, E. J. **INTEGRAÇÃO ECONÔMICA E SOBERANIA NACIONAL**. 2005. Brasília

LEÃO, Rui Maurício. **Impactos e relevância das relações econômicas internacionais entre Brasil e China no mercado brasileiro**. In: Adm 2015, o maior congresso da América latina, 2015, Ponta grossa/PR.

MERCOSUL, **Mercado Comum do Sul**. Disponível em: <<http://www.mercosur.int/>>. Acesso em: 9 maio 2018.

Ministério das Relações Exteriores. **Manual Exportação Passo a Passo**. 2011. Disponível em: <<http://www.investexportbrasil.gov.br/exportacao-passo-passo>>. Acesso em: 10 abril. 2018.

MORESI, E. A. D. . **Metodologia da Pesquisa**. 2003 (Apostila de Curso)

MOURA, T. G. Z.; BARBOSA, L. A. L. **A evolução do comércio exterior baiano e possíveis compatibilidades com as realidades nordestina e baiana**. RICRI v.1, n.2, p.33-54. 2014.

MDIC, **Ministério do desenvolvimento, indústria e comércio exterior**; SECEX, **Secretaria do comércio exterior**. Disponível em:<<http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-externor/estatisticas-de-comercio-externor>> Acesso em: 5 set. 2017.

NAFTA, **North American Free Trade Agreement**. Disponível em: <<http://www.naftanow.org/>>. Acesso em: 10 maio 2018.

PETRY, A. **Globalização e blocos econômicos**. 2008.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**– 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013

SANTANA,J. R. ; MUNDURUCA, V, D, F. **Comércio Exterior como Estratégia de Crescimento Econômico: Uma Proposta de Priorização de Produtos Exportáveis para a Economia Sergipana** – Vol. 43 | Nº 03 - Julho – Setembro, 2012

SADC, **Southern African Development Community**. Disponível em: <<http://www.sadc.int/>>. Acesso em: 10 maio 2018.

SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste. Disponível em: <<http://www.sudene.gov.br/>>. Acesso em: 20 de abril de 2018

SILVA, Júlio César Lázaro da **"História Econômica da Região Nordeste"**; Brasil Escola. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/brasil/historia-economica-regiao-nordeste.htm>>. Acesso em: 11 mar. 2018.

SIMÕES, R. C. F. E MORINI, C. **A Ordem Econômica Mundial: Considerações sobre a formação de Blocos Econômicos e o MERCOSUL**. Impulso (Piracicaba), Piracicaba - SP, v. 13, n. 31, 2002.

SUZIGAN, Wilson. **Indústria Brasileira e Desenvolvimento**. São Paulo. Brasiliense, 1986. 403 p.

VIANNA, B. S. ; VILLELA, A. et al., **Economia brasileira contemporânea: 1945-2010**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.